

CARLOS PAULO MATIAS
DIANDRA FERRARI MARANGONI

FUTURO

(Agenda 2030...)



Atena
Editora
Ano 2025

CARLOS PAULO MATIAS
DIANDRA FERRARI MARANGONI

FUTURO

(Agenda 2030...)



Atena
Editora
Ano 2025

2025 by Atena Editora

Copyright © 2025 Atena Editora

Copyright do texto © 2025, o autor

Copyright da edição © 2025, Atena Editora

Os direitos desta edição foram cedidos à Atena Editora pelo autor.

Open access publication by Atena Editora

Editora chefe

Prof^a Dr^a Antonella Carvalho de Oliveira

Editora executiva

Natalia Oliveira Scheffer

Imagens da capa

iStock

Edição de arte

Yago Raphael Massuqueto Rocha



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob a Licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0).

A Atena Editora tem um compromisso sério com a transparência e a qualidade em todo o processo de publicação. Trabalhamos para garantir que tudo seja feito de forma ética, evitando problemas como plágio, manipulação de informações ou qualquer interferência externa que possa comprometer o trabalho.

Se surgir qualquer suspeita de irregularidade, ela será analisada com atenção e tratada com responsabilidade.

O conteúdo do livro, textos, dados e informações, é de responsabilidade total do autor e não representa necessariamente a opinião da Atena Editora. A obra pode ser baixada, compartilhada, adaptada ou reutilizada livremente, desde que o autor e a editora sejam mencionados, conforme a Licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0).

Cada trabalho recebeu a atenção de especialistas antes da publicação. A equipe editorial da Atena avaliou as produções nacionais, e revisores externos analisaram os materiais de autores internacionais.

Todos os textos foram aprovados com base em critérios de imparcialidade e responsabilidade.

Futuro: (Agenda 2030...)

| Autores:

Carlos Paulo Matias

Diandra Ferrari Marangoni

| Revisão:

Os Autores

| Diagramação:

Nataly Gayde

| Capa:

Yago Raphael Massuqueto Rocha

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

M433 Matias, Carlos Paulo
Futuro: (Agenda 2030...) / Carlos Paulo Matias, Diandra
Ferrari Marangoni – Ponta Grossa - PR: Atena
Editora, 2025.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-258-3904-2

DOI: <https://doi.org/10.22533/at.ed.042262001>

1. Agenda 2030. 2. Objetivos de Desenvolvimento
Sustentável. 3. Educação e cidadania. 4. Literatura
infantojuvenil brasileira. I. Matias, Carlos Paulo. II.
Marangoni, Diandra Ferrari. III. Título.

CDD 370.115

Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

Atena Editora

☎ +55 (42) 3323-5493

☎ +55 (42) 99955-2866

🌐 www.atenaeditora.com.br

✉ contato@atenaeditora.com.br

CONSELHO EDITORIAL

CONSELHO EDITORIAL

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Profª Drª Amanda Vasconcelos Guimarães – Universidade Federal de Lavras
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás
Profª Drª Ariadna Faria Vieira – Universidade Estadual do Piauí
Prof. Dr. Arinaldo Pereira da Silva – Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará
Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Cirênio de Almeida Barbosa – Universidade Federal de Ouro Preto
Prof. Dr. Cláudio José de Souza – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Daniela Reis Joaquim de Freitas – Universidade Federal do Piauí
Profª Drª. Dayane de Melo Barros – Universidade Federal de Pernambuco
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Profª Drª Érica de Melo Azevedo – Instituto Federal do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Prof. Dr. Fabrício Moraes de Almeida – Universidade Federal de Rondônia
Profª Drª Glécilla Colombelli de Souza Nunes – Universidade Estadual de Maringá
Prof. Dr. Humberto Costa – Universidade Federal do Paraná
Prof. Dr. Joachin de Melo Azevedo Sobrinho Neto – Universidade de Pernambuco
Prof. Dr. João Paulo Roberti Junior – Universidade Federal de Santa Catarina
Profª Drª Juliana Abonizio – Universidade Federal de Mato Grosso
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná
Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará
Prof. Dr. Sérgio Nunes de Jesus – Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia
Profª Drª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

APRESENTAÇÃO

APRESENTAÇÃO

Disse o grande educador Paulo Freire que a educação não muda o mundo, a educação muda as pessoas e estas mudam o mundo.

Então, se você acredita que a felicidade é (apenas) “prazer menos dor”, é possível que você esteja bem equivocado. Momento feliz, vida feliz, existência feliz, podem ser, e com certeza são, questões que extrapolam o prazer físico e/ou psíquico. Nesse sentido, podemos e devemos buscar nos livros, no passado, na memória, dialogar com quem pensou em felicidade e, com humildade, fazer a autocrítica e rumar ao futuro feliz.

Dá-me um pedaço de pão para que eu possa me banquetear; fazer uma festa, dizia Epicuro, já na antiguidade grega. Logo, o epicurismo foi um tipo de hedonismo que nos propunha pensar na qualidade daquilo que fazemos e usamos e gastamos para viver, e não na quantidade do que gastamos, usamos e fazemos. Todavia, não sejamos tolos e hipócritas ao confundir o mínimo com falta de dignidade. Pois, como já disseram os Titãs (cito a banda de Rock paulista e não os filhos de Gaia e Urano): “A gente não quer só comida. A gente quer comida, diversão e arte. A gente não quer só comer. A gente quer comer e quer fazer amor”.

É a isso que me refiro: a importância abrangente de pensarmos em felicidade de forma mais inclusiva, mais humana, mais empática, onde a responsabilidade com o mundo está, diretamente, associada ao comprometimento com os que virão.

Os Estoicos nos ensinaram (sim, deveríamos ter aprendido, entendido, pensado e refletido) que aquilo que não podemos mudar, não deve nos preocupar, não deve tirar nossa ataraxia, nossa paz de espírito. Repito: *aquilo que não podemos mudar*: a velhice, a doença, a deficiência física. No entanto, o que podemos mudar, é

APRESENTAÇÃO

APRESENTAÇÃO

nossa reponsabilidade moral, ética, política e espiritual insistir para que mude, para que melhore, para que seja diferente. Isso é o que propõe a Agenda2030 e todos os acordos e tratados que fazemos e desfazemos pelo mundo afora.

Portanto, você pode e deve planejar sua vida, pensar em ganhos materiais, em conforto, em crescimento econômico e psíquico. Contudo, não pode ignorar as lições da nossa história humana em busca de felicidade. Não pode ignorar os fracassos e os acertos humanos em busca da felicidade. Não pode subestimar a capacidade humana em superar modelos que pararam de dar certo (refiro-me ao modelo burguês de ser feliz, rico, bonito, inteligente, egoísta). Pois, se tem uma coisa que somos imbatíveis, é na capacidade de mudança. Com os estoicos vamos à luta. Porque o tempo não para! E se a luta valer a pena, quem sabe seremos felizes.

Enfim, apresento este pequeno livro do Professor Carlos Paulo Matias, meu amigo e orientando, com a certeza que uma vez educador, sempre educador. Este livro inicial é o primeiro de uma série de 18 livros de bolso em que o Historiador Carlos, em forma de romance, proporá críticos diálogos entre dois estudantes do ensino fundamental sobre os ODSs, a Agenda2023 e a vida. Boa leitura!

Dr. Juliano Bitencourt Campos: Professor do Programa de Pós-Graduação em Ciências Ambientais (PPGCA), Universidade do Extremo Sul Catarinense (UNESC). Investigador do Instituto Terra e Memória, Centro de Geociências da Universidade de Coimbra (ITM/CGEO/Portugal)

Criciúma, 25/11/2025

SUMÁRIO

SUMÁRIO

FUTURO 1

A CAVERNA..... 5

O CADERNO¹ 26

AGENDA 2030 42

O MENINO RUIVO 47

REFERÊNCIAS 56



FUTURO

“O inferno, de boas intenções está cheio”. Pegou a moral, do contexto, no ditado, Irmão? (Lareitov Cândido)

– Artur, será que vai dar certo a ideia do pai de estudarmos, juntos, alguns assuntos de atualidades?

– Mano, acho que sim. O pai está muito determinado a estudar conosco, procurar livros, nos incentivar a conhecer ciência e muito mais. Acho que vai rolar, sim, Heitor.

– Mano, é verdade. Ontem mesmo ele estava separando vários textos que andou escrevendo nas últimas semanas. Diz ele que era para lermos juntos e buscarmos compreender os desafios da vida. Disse ainda que assim iríamos em busca do saber, do conhecimento, do futuro.

– Heitor, vou te falar, mano, já fui mais resistente a estas ideias do Carlos. Sempre ficava pensando que ia ser cansativo e chato. Achava que eram essas coisas de *nerds* que só ficam estudando e não sabem brincar e nem se divertir. No entanto, confesso que comecei a gostar. E você, Heitor?

– Eita! Como a gente cresceu, Artur. Estou tendo estas ideias também. Esse papo aí que já estamos chegando à adolescência, saindo da nossa vida de criança e tal, mas mano, ainda só temos 11 e 13 anos de idade. Tudo bem, você já é idoso (idade boa), tem 13 anos já, mas eu não, hehehehe.

– Não, cabeça! Isto não tem nada relacionado a nossa pré-adolescência. Na real, acho que o pai está certo mesmo. Lembra

do livro de História que ele nos fez personagens – Artur e Heitor – conversando sobre História e coisas da vida?

– Lembro. Gostei daquele livro. Apreendi várias coisas lendo e pensando sobre tudo o que já aconteceu no mundo, com as pessoas que viveram antes de nós, as guerras, as revoluções, os avanços, as mudanças e as permanências.

– Bingo! É isso mesmo, Heitor. É exatamente sobre isto que o pai tenta nos falar. Ele quer nos ajudar a desenvolvermos a capacidade cognitiva, treinar nossa capacidade de raciocínio, nossa capacidade de argumentação, nossa capacidade de leitura e de escrita.

– Mano, ele sempre fala isso: “vocês têm que escrever dez linhas por dia”; “vocês têm que ler 20 páginas por dia”, (...).

– Sim, sim. Bem isso. Heitor, na verdade, na verdade, temos que admitir que o pai não criou o grupo dos “três amigos” sem motivo.

– Como assim?

– O grupo dos três amigos é uma maneira que ele tem de ficar perto de nós. É uma maneira que ele tem de participar de nossa educação formal e informal e de nosso crescimento intelectual. Ao menos é como ele acredita.

– Você falou com ele sobre isso?

– E precisa? É só você notar o papo dele quando está conosco.

– É *vero*! Agora que estou me dando conta. É bem isso, Artur. Por isso o pai insiste na questão do estudo, da ciência, da escrita e da leitura. Mano...

– Não!

– Sim! Você está pensando no que estou pensando?

– Sim! Só pode ser.

– Mano, será?

– Sim, mano. Com certeza.

– Aqueles textos que ele coloca no nosso grupo de WhatsApp é uma estratégia para nos estimular a estudar, a aprender, a se preparar para o futuro.

– Sim, Heitor. Aqueles que a gente lê um e pula cinco?

– Fala por ti. Não me coloca aí no meio, não. Fala por ti.

– Heitor! Heitor! Vai dizer que você leu todos? Você não me engana, amigo.

A leitura desempenha um papel fundamental na vida dos adolescentes, pois contribui de maneira decisiva para o desenvolvimento intelectual, emocional e social. Nesse período da vida, marcado por descobertas, questionamentos e construção da identidade, o contato com livros, revistas e outros textos amplia a compreensão do mundo e fortalece a capacidade de reflexão crítica.

Por meio da leitura, os adolescentes desenvolvem habilidades essenciais, como a interpretação de textos, o enriquecimento do vocabulário e a melhoria da escrita e da comunicação. Essas competências são indispensáveis tanto para o desempenho escolar quanto para a vida futura, já que ajudam na organização do pensamento, na argumentação e na expressão de ideias de forma clara e coerente.

Além do aspecto cognitivo, a leitura também tem grande importância emocional. Ao entrar em contato com diferentes histórias, personagens e realidades, o adolescente aprende a lidar com sentimentos, conflitos e desafios semelhantes aos seus. Isso favorece a empatia, a sensibilidade e o autoconhecimento, permitindo que o jovem compreenda melhor a si mesmo e aos outros.

A leitura ainda estimula a criatividade e a imaginação, oferecendo alternativas saudáveis de lazer em um contexto cada vez mais marcado pelo uso excessivo de telas. Ler ajuda a desenvolver a concentração e o senso crítico, tornando o adolescente mais preparado para analisar informações, questionar opiniões e tomar decisões conscientes.

Portanto, incentivar o hábito da leitura na adolescência é investir na formação de cidadãos mais críticos, sensíveis e preparados para enfrentar os desafios da sociedade. A leitura não apenas transmite conhecimento, mas também transforma, amplia horizontes e contribui para o crescimento pessoal e social dos jovens.

– Não li todos porque não deu tempo. Mas eu dava uma olhadinha, pelo menos.

– Heitorzim, Heitorzim. Sempre com a desculpinha na ponta da língua.

– Não é desculpa. Vai te catar. Você também não leu.

– Relaxa. Vamos ao que interessa: o primeiro texto.

– Leia, então.



A CAVERNA

Não é de hoje que os psicólogos, os neurologistas, os educadores, os pais, enfim, todos que convivem com alguém doentiamente conectado, sabem que a vida “passando” diante dos olhos não é saudável e nem necessária. Nesse sentido, já passou da hora de se convidar alguém que esteja na “caverna” para dar uma volta lá fora e “ver a banda passar”.

Sob esta perspectiva, é importante que se lembre o quão terrível foi para todas as pessoas, em quase toda sua maioria, o confinamento imposto pelas autoridades durante a pandemia da COVID-19. Naquele momento, se sabia que a limitação de convivência social era uma das poucas ações efetivas que nos livraria do vírus ao mesmo tempo em que nos ajudava a proteger a vida dos mais frágeis e vulneráveis. Todavia, o problema é mais grave do que se imagina. Sim, forçando um pouco, vive-se uma pandemia da “Caverna de Platão”¹. Aliás, é bem possível que o contato com tal caverna seja desde o nascimento.

¹ A Alegoria da Caverna – República, VII (514a-517d)

SÓCRATES: Agora, imagina a nossa natureza, segundo o grau de educação que ela recebeu ou não, de acordo com o quadro que vou fazer. Imagina, pois, homens que vivem em uma espécie de morada subterrânea em forma de caverna. A entrada se abre para a luz, em toda a largura da fachada. Os homens estão no interior desde a infância, acorrentados pelas pernas e pelo pescoço, de modo que não podem mudar de lugar nem voltar a cabeça para ver algo que não esteja diante deles. A luz lhes vem de um fogo que queima por trás deles, ao longe, no alto. Entre os prisioneiros e o fogo, há um caminho que sobe. Imagina que esse caminho é cortado por um pequeno muro, semelhante ao tapume que os exibidores de marionetes dispõem entre eles e o público, acima do qual manobram as marionetes e apresentam o espetáculo.

GLAUCO: Entendo.

SÓCRATES: Então, ao longo desse pequeno muro, imagina homens que carregam todo tipo de objetos fabricados, ultrapassando a altura do muro, estátuas de homens, figuras de animais, de pedra, madeira ou qualquer outro material. Provavel-

mente, entre os carregadores que desfilam ao longo do muro, alguns falam, outros se calam.

GLAUCO: Estranha descrição e estranhos prisioneiros!

SÓCRATES: Eles são semelhantes a nós. Primeiro, pensas que, na situação deles, eles tenham visto algo mais do que as sombras de si mesmos e dos vizinhos, que o fogo projeta na parede da caverna à sua frente?

GLAUCO: Como isso seria possível, se durante toda a vida eles estão condenados a ficar com a cabeça imóvel?

SÓCRATES: Não acontece o mesmo com os objetos que desfilam?

GLAUCO: É claro.

SÓCRATES: Então, se eles pudessem conversar, não achas quem nomeando as sombras que veem, pensariam nomear seres reais?

GLAUCO: Evidentemente.

SÓCRATES: E se, além disso, houvesse um eco vindo da parede diante deles, quando um dos que passam ao longo do pequeno muro falasse, não achas que eles tomariam essa voz pela da sombra que desfila à sua frente?

GLAUCO: Sim, por Zeus.

SÓCRATES: Assim sendo, os homens que estão nessas condições não poderiam considerar nada como verdadeiro, a não ser as sombras dos objetos fabricados.

GLAUCO: Não poderia ser de outra forma.

SÓCRATES: Vê agora o que aconteceria se eles fossem libertados de suas correntes e curados de sua desrazão. Tudo não aconteceria naturalmente como vou dizer? Se um desses homens fosse solto, forçado subitamente a levantar-se, a virar a cabeça, a andar, a olhar para o lado da luz, todos esses movimentos o fariam sofrer; ele ficaria ofuscado e não poderia distinguir os objetos, dos quais via apenas as sombras, anteriormente. Na tua opinião, o que ele poderia responder se lhe dissessem que, antes, ele só via as coisas sem consistência, que agora ele está mais perto da realidade, voltado para objetos mais reais, e que ele está vendo melhor? O que ele responderia se lhe designassem cada um dos objetos que desfilam, obrigando-o, com perguntas, a dizer o que são? Não pensas que ele ficaria embaraçado e que as sombras que ele via antes lhe pareceriam mais verdadeiras do que os objetos que lhe mostram agora?

GLAUCO: Certamente, elas lhe pareceriam mais verdadeiras.

SÓCRATES: E se o forçassem a olhar para a própria luz, não pensas que os olhos lhe doeriam, que ele viraria as costas e voltaria para as coisas que pode olhar e que as consideraria verdadeiramente mais nítidas do que as coisas que lhe mostram?

GLAUCO: Sem dúvida alguma.

SÓCRATES: E se o tirassem de lá à força, se o fizessem subir o íngreme caminho montanhoso, se não o largassem até arrastá-lo para a luz do Sol, ele não sofreria e se irritaria ao ser assim empurrado para fora? E, chegando à luz, com os olhos ofuscados pelo seu brilho, não seria capaz de ver nenhum desses objetos, que nós afirmamos agora serem verdadeiros.

GLAUCO: Ele não poderá vê-lo, pelo menos nos primeiros momentos.

SÓCRATES: É preciso que ele se habitue, para que possa ver as coisas do alto. Primeiro, ele distinguirá mais facilmente as sombras, depois, as imagens dos homens e dos outros objetos refletidos na água, depois os próprios objetos. Em segundo lugar, durante a noite, ele poderá contemplar as constelações e o próprio céu, e voltar o olhar para a luz dos astros e da Lua, mais facilmente que durante o dia para o Sol e para a luz do Sol.

GLAUCO: Sem dúvida.

SÓCRATES: Finalmente, ele poderá contemplar o Sol, não o seu reflexo nas águas ou em outra superfície lisa, mas o próprio Sol, no lugar do Sol, o Sol tal como ele é.

GLAUCO: Certamente.

SÓCRATES: Depois disso, ele poderá raciocinar a respeito do Sol, concluir que é ele que produz as estações a os anos, que ele governa tudo no mundo visível, e que ele é, de algum modo, a causa de tudo o que ele e seus companheiros viam na caverna.

GLAUCO: É indubitável que ele chegará a essa conclusão.

SÓCRATES: Nesse momento, se ele se lembrar de sua primeira morada, da ciência que ali se possuía e de seus antigos companheiros, não achas que ele ficaria feliz com a mudança e teria pena deles?

GLAUCO: Claro que sim.

SÓCRATES: Quanto às honras e aos louvores que eles se atribuíam mutuamente outrora, quanto às recompensas concedidas àquele que fosse dotado de uma visão mais aguda para discernir a passagem das sombras na parede e de uma memória mais fiel para se lembrar com exatidão daqueles que precedem certas outras ou que lhes sucedem, as que vêm juntas, e que, por isso mesmo, era o mais hábil para conjecturar a que viria depois, achas que nosso homem teria inveja dele, que as honras e a confiança assim adquiridas entre os companheiros lhe dariam inveja? Ele não pensaria, antes, como o herói de Homero, que mais vale “viver como escravo de um lavrador” e suportar qualquer provação do que voltar à visão ilusória da caverna e viver como se vive lá?

GLAUCO: Concordo contigo. Ele aceitaria qualquer provação para não viver como se vive lá.

SÓCRATES: Reflete ainda nisto: supõe que esse homem volte à caverna e retome o seu antigo lugar. Desta vez, não seria pelas trevas que ele teria os olhos ofuscados, ao vir diretamente do Sol?

GLAUCO: Naturalmente.

SÓCRATES: E se ele tivesse que emitir de novo um juízo sobre as sombras e entrar em competição com os prisioneiros que continuaram acorrentados, enquanto sua vista ainda está confusa, quando seus olhos não se recompuseram, enquanto lhe deram um tempo curto demais para acostumar-se com a escuridão, ele não ficaria ridículo? Os prisioneiros não diriam que, depois de ter ido até o alto, voltou com a

Nesse viés, sociólogos, antropólogos, historiadores e diversos outros pesquisadores procuram compreender as sociedades em várias dimensões e em várias vertentes de análises. Ou seja, as diversas culturas, as diversas maneiras de se apresentar a vida aos mais jovens; as tão resguardas – ou rejeitadas – tradições, também podem nos dar pistas sobre a Caverna a qual Platão fez alegoria. Infere-se, que o filósofo estava dialogando com questões complexas sobre a possibilidade do saber, o conhecimento verdadeiro e possível, a vida, sobre a vida livre, plena. Logo, buscar a compreensão da vida, o sentido da vida, a vida que se materializa, diante de nossos olhos todos os dias ao acordarmos é um salto na direção da luz, da razão, do prazer, da ataraxia. Assim, queria o pensador que soltássemos as correntes do charlatanismo, do negacionismo, das estupidezes, das certezas imutáveis, de tudo que é certo – certo para quem? Além disso, nos ensinou Platão que devemos tomar cuidado com as sombras, com as aparências, com tudo o que nossos sentidos nos apresentam, eles podem estar enganados. O mundo sensível das coisas é vulnerável, é imperfeito, é onde não está a vida plena, a verdadeira vida.

vista perdida, que não vale mesmo a pena subir até lá? E se alguém tentasse retirar os seus laços, fazê-los subir, acredita que, se pudessem agarrá-lo e executá-lo não o matariam?

GLAUCO: Sem dúvida alguma, eles o matariam.

SÓCRATES: E agora, meu caro Glauco, é preciso aplicar exatamente essa alegoria ao que dissemos anteriormente. Devemos assimilar o mundo que apreendemos pela vista à estada na prisão, a luz do fogo que ilumina a caverna à ação do sol. Quanto à subida e à contemplação do que há no alto, considera que se trata da ascensão da alma até o lugar inteligível, e não te enganarás sobre minha esperança, já que desejas conhecê-la. Deus sabe se há alguma possibilidade de que ela seja fundada sobre a verdade. Em todo o caso, eis o que me apreço, tal como me aparece; nos últimos limites do mundo inteligível, aparece-me a ideia do Bem, que se percebe com dificuldade, mas que não se pode ver sem concluir que ela é a causa de tudo o que há de reto e de belo. No mundo visível, ela gera a luz e o senhos da luz, no mundo inteligível ela própria é a soberana que dispensa a verdade e a inteligência. Acrescento que é preciso vê-la se se quer comportar-se com sabedoria, seja vida privada, seja na vida pública.

GLAUCO: Tanto quanto sou capaz de compreender-te, concordo contigo.

Em suma, talvez a palavra, ou as palavras-chave sejam: coragem e humildade. Isto porque se pode admitir que realmente nascemos em uma caverna onde nos ditam regras, leis, padrões, modelos, verdades, enfim, uma infinidade de medos/mecanismos de dominação. Todavia, a corrente que nos prende é a mesma que pode servir de ponte para alcançarmos as maiores bibliotecas do mundo, os maiores museus, as melhores músicas, as melhores aulas, os melhores poemas; o aprendizado de outra língua, de um instrumento musical, de uma coreografia de dança; o conhecimento de outra cultura, de outras comidas, de outras verdades, de outras mentiras, de outros deuses, de outros monstros, enfim, nossa Caverna é tudo o que Platão queria: que tivesse uma janela para o mundo. Aliás, a nossa tem várias janelas, basta sabermos usar e acessar os sites seguros.

– Meu Deus! Já comecei me ferrando, Artur.

– Como assim, mano?

– Esse Platão aí. Tu entendeste o texto? Ele está dizendo que se a gente não estudar, ler, procurar entender, ou seja, sair da tal caverna, nunca viveremos de verdade, nunca chegaremos perto que seja a verdade. Mano, já fiquei triste, vivo boa parte do meu tempo livre na internet.

– Mandou bem, hein, Heitor? Entendi desta forma, também. Bem isto mesmo. Podemos estar vivendo num mundo inventado para nós; um mundo onde o que sabemos não é a verdade, nem chega perto do que venha a ser a realidade. Por isso a ideia de caverna.

– Artur, agora que as coisas estão começando a ficar mais claras em minha mente.

– Dê exemplos, dê exemplos. Com os exemplos ficará melhor para entendermos, e para podermos discutir com o pai, se ele perguntar.

– Tipo a internet, mano. O YouTube. Sim, tá ligado que ficamos muito tempo entretidos naquela caverna?

– Sim. Heitor, este é um exemplo certo. Mas não é só isso, meu mano. Creio que várias outras coisas e comportamentos podem ser

relacionados a esta ideia de viver numa caverna, olhando para as sombras que passam e achando que aquilo é o real.

– Eita, velho! Explica.

A alegoria da caverna, apresentada por Platão em A República, é uma profunda reflexão sobre o conhecimento, a verdade e a condição humana. Nessa narrativa, pessoas vivem acorrentadas desde o nascimento no interior de uma caverna, olhando apenas para uma parede onde veem sombras projetadas por objetos que passam atrás delas. Sem conhecer outra realidade, acreditam que aquelas sombras são o próprio mundo.

Platão utiliza essa imagem para mostrar como os seres humanos podem viver presos às aparências e às opiniões, tomando o que é superficial ou ilusório como verdade absoluta. As sombras representam o conhecimento limitado, construído a partir dos sentidos, da tradição e do senso comum. Já a caverna simboliza a ignorância, o comodismo e a falta de questionamento diante da realidade.

Quando um dos prisioneiros é libertado e sai da caverna, ele passa por um processo doloroso de adaptação à luz do sol, que simboliza o verdadeiro conhecimento. Esse momento revela que conhecer a verdade exige esforço, coragem e disposição para abandonar certezas antigas. A luz representa a razão, o pensamento crítico e a filosofia, capazes de conduzir o ser humano a uma compreensão mais profunda do mundo.

Ao retornar à caverna para libertar os outros, o prisioneiro é rejeitado e ridicularizado, mostrando como as pessoas frequentemente resistem a ideias novas que desafiam suas crenças. Platão alerta para a dificuldade de educar e transformar consciências em uma sociedade acostumada às sombras, mas também destaca a responsabilidade daquele que conhece a verdade de compartilhar o saber.

Assim, a alegoria da caverna continua atual, pois convida à reflexão sobre como construímos nosso conhecimento, como lidamos com informações e como podemos nos libertar da ignorância por meio

do pensamento crítico. Ela nos ensina que buscar a verdade é um processo contínuo e, muitas vezes, desconfortável, mas essencial para a liberdade intelectual e humana.

– Tipo, você falou muito bem da internet, mas temos a televisão, e por que não, a escola, as verdades inquestionáveis, ou a beleza, a força, a coragem?

– Artur, não complica, mano. Só tenta entender e me ajudar a entender. Não complica, mano. Agora estou pensando, quem sou eu? Onde estou? E o futuro? Que loucura pensar nisso.

– Não tinha pensado, mas já que você perguntou, vamos a um texto de apoio.

– Não! Texto não. Preciso de mais ideias sobre a caverna, como sair da caverna. Não tem mais histórias que o pai mandou para nos ajudar?

– Bom, na verdade tem sim. Tem uma bem show sobre fugir, sair..., mas não da caverna, e sim da estante.

– Como assim da estante?

– Veja! Curta, pense, reflita e depois conversaremos.

– Eita! Eu hein, que mistério.

– Que nada. Veja essa outra história:

Curioso acordou em uma estante estranha. Nenhuma criança apareceu para pegá-lo naquele dia. Sem saber onde estava e pensando que se encontrava em uma prisão, ficou com tanto medo que não sentia mais suas próprias páginas. Não era medo da solidão ou de estar em uma estante que ainda não conhecia, pois estava cercado de muitos outros livros ao seu lado... Era um medo diferente. Um medo de nunca mais ser lido por ninguém, por nenhum aluno com alto grau de curiosidade... ou, quem sabe, o medo de perder a liberdade e não mais poder levar suas histórias a muitas crianças, onde fosse possível. Medo de ser um livro esquecido.

Foi ficando confuso, e as respostas não apareciam. Olhou para um lado, olhou para o outro, mas não percebeu nenhuma criança por perto. Crianças que, com certeza, iriam pegá-lo e levá-lo a um jardim, a uma praça com canteiros de flores bem cheirosas... iriam abri-lo, começar a ler e descobrir todas as coisas curiosas que trazia em suas páginas. Ou, na pior das hipóteses - que, na verdade, ele considerava a melhor -, ser transformado por uma criança em qualquer coisa que não fosse um livro. Coisas de criança.

Depois de tantos devaneios, perguntou a uma agenda que estava perto:

- Olá! Posso falar com você?

- Pode!

- Não moro aqui nessa estante e não sei como vim parar aqui. Você pode me ajudar?

- Fica frio, amiguinho. Eu também fui abandonado aqui - disse um livro de matemática, mais velho, parado um pouco atrás da agenda.

- Como assim, abandonado aqui?

- Calma, calma! - disse a Agenda, em um tom de tranquilidade.

- Deixe-me entender quem você é. Diga para todos: quem é você?

- Sim, sim. Obrigado por querer me ajudar, Agenda.

- Essa aí quer ajudar todos os livros que aparecem por aqui. Não pense que você é o primeiro e o único - resmungou o livro de matemática abandonado.

- Por favor, amigo, respeite a Agenda. Então... eu sou O Curioso, um livro que os alunos da escola onde moro adoram levar para casa durante o final de semana. Eles gostam muito de ler as histórias que estão em minhas páginas. Fico na biblioteca da escola, em uma estante onde os alunos não têm dificuldade para me encontrar nem para me alcançar.

- Puxa, que legal, Curioso! Então você é bem feliz. Já deve ter conhecido várias casas e pessoas diferentes... Muitas crianças e muitos adultos também, não é?

- Sim, Agenda, sim! E você também é muito querida pelas pessoas!

- Espero..., mas o único problema é que eu tenho data de validade. Quando fico desatualizada, sou imediatamente abandonada. Raramente as pessoas me pegam para ler novamente. Não me importo de ficar aqui na estante com vocês. Tenho amigas que foram jogadas no lixo... Isso sim é triste!

- E eu - disse o livro de matemática - sou comprado só porque as escolas obrigam os alunos a me comprarem. Eles odeiam me abrir e tentar entender profundamente a linguagem dos números que estão em minhas páginas. É uma pena... se soubessem como a matemática é legal! Você não acha, Curioso?

- Com certeza! Aliás, muitas coisas do mundo são explicadas pela matemática. Em minhas páginas, inclusive, há histórias que só podem ser entendidas por meio dos números. Quer ouvir uma pequena parte, Matemático? Posso chamá-lo assim?

- Pode! Adorei esse apelido. Conte um pouco da história, então. Qual é?

- Vou falar um pouquinho de "O Menino que Contava os Carros". Pode ser?

- Ótimo! - disse a Agenda.

- O menino que contava os carros se chamava Nyo. Ele nasceu com uma deficiência física nas duas mãos - duas, veja só, um número, só para lembrar que já estamos usando matemática. Ele não tinha dedos. A mãe de Nyo era fumante: fumou muitos cigarros por dia durante a gravidez, cerca de vinte - mais números - por dia, e, por isso, o menino nasceu sem os dedos.

Nyo sempre via, na escola, seus amiguinhos usando os dedos para contar, mas ele não podia fazer isso. Então ficava um pouco triste.

Quando chegava da escola, sentava-se na calçada em frente de casa e ficava observando os carros que passavam por ali, contando-os um a um. Nyo colocava bem perto de suas mãos vários pedaços de gravetos que encontrava na rua, um ao lado do outro. Usava um graveto para cada dez carros que passavam pela rua. Assim, aprendeu a contar de um modo diferente, mas sentindo-se igual a todos, porque a deficiência não o impediu de aprender. Ele sabia, do seu jeito, quantos carros haviam passado pela rua enquanto estava ali sentado.

- Que linda história, Curioso! Quase chorei aqui. Nada nos impede de aprender. Nada! E nós aqui, parados, empoeirados... poderíamos estar dividindo o que temos em nossas páginas com crianças e professores, poderíamos estar ajudando a fazer um mundo melhor - disse Matemático.

- Ótimo! Vocês estão entendendo muito bem o que eu sinto - disse Curioso. - É justamente por isso que estou confuso. Só de pensar que talvez nunca mais outra criança leia minhas histórias... Isso é assustador! Você não acha, Agenda?

- Com certeza! E o que o Matemático falou é verdade. Há semanas em que ficamos aqui, todos empoeirados, e ninguém vem passar um pano na gente... nem fazer um carinho, sabe?

- Pessoal! Pessoal! Pessoal! Está vindo alguém! Em nossa direção! Se me tirarem daqui e me levarem novamente para a biblioteca da escola, prometo que darei um jeito de vir buscar vocês! Está se aproximando... em minha direção! - gritou Curioso, eufórico.

A euforia de Curioso foi interrompida quando a pessoa que entrou na sala onde estava a estante não veio pegá-los. Ela procurava um CD de jogos para computador e achou que estivesse ali. Aproximou-se da estante, pegou alguns livros, incluindo a Agenda, e foi abrindo as páginas, analisando uma a uma para ver se o CD estava escondido em alguma delas. Não lia uma só palavra escrita nas folhas. Os livros e a Agenda ficavam cada vez mais desanimados.

Curioso queria chorar, mas, no momento em que ia começar, a Agenda se jogou da mão da pessoa que folheava suas páginas e caiu aberta sobre Curioso, dando-lhe um forte abraço. Depois de mexer em todos que estavam ali, a pessoa, sem o mínimo cuidado, foi colocando os livros e a Agenda de volta na estante - de qualquer jeito, inclusive alguns de cabeça para baixo. Saiu da sala sem dizer uma só palavra que pudesse deixar a estante e seus moradores felizes.

- Pessoal! Vocês estão bem? Pessoal! Vocês estão bem? Gritava a Agenda desesperada.

- Sim, sim, estamos todos bem! - disse Curioso para acalmá-la. - Matemático, como você está?

- Amigos, eu estou bem... só que fiquei de cabeça para baixo.

- Calma, amigo! Vamos dar um jeito de arrumar você. Precisamos pensar em alguma coisa. Você tem alguma ideia, Agenda?

- Não... ainda não! Estou muito nervosa. E você, Matemático, tem alguma ideia?

- Estou pensando em pular daqui. Alguma pessoa virá me arrumar. Como sou só um livro, talvez ela me coloque de maneira organizada. O que vocês acharam da ideia?

- Olá! Olá! Eu sou O Mundo de Sofia. Tudo bem com vocês? Não fui tirado da estante quando aquela pessoa veio até aqui... não sei por quê. Eu estava ouvindo vocês conversarem sobre vários assuntos e queria também ser amigo. Em minhas páginas existem coisas muito interessantes.

- Pode, sim, ser nosso amigo, Mundo de Sofia. Aliás, todos os livros deveriam ser amigos - disse Curioso.

- Você pode ser nosso amigo, sim - disse a Agenda. - Mas não sei se todos os livros conseguem ser amigos... não me perguntem por que - indagou, pensativa.

- Olá, amigo! Eu sou o Matemático, e você pode, com certeza, ser nosso amigo. E, se tiver uma ideia para me arrumar, seria ótimo. O que achou da minha ideia de me jogar daqui, Mundo de Sofia?

- Então... eu estava ouvindo vocês conversarem e fiquei um pouquinho preocupado com essa ideia. Não que ela não seja boa. Mas, certa vez, estive em uma casa onde moravam adultos bem desatentos, que não gostavam de livros; só gostavam de futebol e carnaval. Isso não quer dizer que quem gosta de futebol e carnaval não goste de leitura..., mas a maioria não gostava.

Aconteceu algo muito parecido com o que aconteceu aqui hoje. Não sei por que, os livros foram todos colocados no chão da sala, enquanto alguém procurava alguma coisa dentro de nós. Como a pessoa não encontrou o que queria, colocou-nos de qualquer jeito na estante. Eu fiquei de cabeça para baixo, igual a você, Matemático.

Como ninguém voltou para me arrumar, tentei de todas as formas possíveis voltar à posição normal. Encurtando a história: tive a ideia de me jogar no chão novamente, para que alguém me colocasse na estante da forma correta. Pensei, pensei, pensei... e não me joguei.

Não me joguei porque me lembrei de uma revista que estava conosco naquela estante. Ela foi colocada toda enrolada entre nós. A coitada sentia muita dor - ficar enrolada deve ser horrível. Ela fez muita força para se desenrolar e conseguiu, mas, com o esforço, caiu da estante e foi parar no chão.

Naquele mesmo dia, haveria um jogo de futebol na TV. Um daqueles adultos convidou vários outros adultos que também não gostavam de livros - e muito menos de revistas - para assistir ao jogo naquela casa. Resolveram fazer um churrasco e, para acender o fogo, aquele adulto desatento - que não gostava nem de livros nem de revistas - aproximou-se da estante e disse:

- Vamos usar esses livros aqui para fazer o fogo.

Ele nos olhava com uma cara má, pois não sabia a importância que um livro tem na vida das pessoas. Outro adulto disse:

- Não queima todos, senão outro dia não terá mais para fazer fogo.

Depois disso, olhou para baixo, viu a revista caída no chão, pegou-a na mão e disse:

- Queima essa revista aqui; outro dia queimamos os livros.

Saiu com ela nas mãos, rasgando-a bem devagar e colocando suas páginas na fogueira. Acho que ela sentiu muita dor. Isso é muito triste.

Por isso, Matemático, não sei se é uma boa ideia você se jogar no chão esperando que um adulto te coloque novamente na estante. O risco é muito grande. Espere entrar uma criança na sala. Aí, sim, você se joga. As crianças adoram os livros; os adultos é que, muitas vezes, não os dão às crianças.

- Poxa vida... que triste o que você contou, Mundo de Sofia - disse a Agenda, emocionada.

- Eu não queria ser desagradável, amiga. Desculpe se fui. Mas fiquei com muito medo de que isso acontecesse com o Matemático. E nunca te falei isso, Matemático, mas acho você muito legal!

- Puxa! Obrigado, Mundo de Sofia! Você poderia falar um pouco sobre as histórias que existem em suas páginas?

- Sim. Minhas páginas contam a história de uma menina que faz um curso de filosofia por correspondência. Mas é um curso para quem está começando a filosofar. É muito legal!

- Filosofia? O que é isso? - perguntou Curioso, curioso.

- Sabe, Curioso, nem eu entendo muito bem o que é, porque é um curso para iniciantes. Mas me parece que são perguntas que os filósofos fazem para tentar descobrir de onde viemos, para que viemos e para onde vamos. As crianças também são filósofas, pois fazem muitas perguntas..., mas não ficam tão preocupadas com as respostas. Por isso, são mais felizes!

- Puxa! Que legal! - disse Curioso.

- Pessoal! Pessoal! Pessoal! - chamava a Agenda. - Está vindo alguém!

- Vou pular! Vou pular! - gritava o Matemático, desesperado para ser desvirado.

Em um momento de desespero, o Matemático pulou da estante. Uma criança entrou na sala e correu em direção ao livro que acabara de cair. Pegou-o nas mãos e disse:

- Cuidado, livrinho! Você pode se machucar! Não é para você pular da estante! Olha como você está todo empoeirado... vamos tomar um banho?

A criança pegou o livro de matemática, colocou-o no sofá e foi buscar um pano úmido. Ao voltar, limpou com muito cuidado a capa e depois as páginas, tirando toda a poeira. Animou-se tanto que começou a limpar todos os livros da estante.

Quando ia pegar outro para dar banho, uma voz chamou:

- Filha, vem! Filha, vem! Deixa esses livros aí e vamos pintar o cabelo e fazer as unhas!

A menina colocou o Matemático de volta na estante, agora na posição correta, e saiu correndo para atender ao chamado da mãe.

- Desculpem, pessoal! Eu sei que me arrisquei pulando sem saber quem estava vindo, mas não tive medo.

- Você foi muito corajoso, amigo! - disse Curioso. - E quase todos nós fomos carinhosamente limpos..., mas não deu tempo.

- É sempre assim! - disse a Agenda. - Quando tudo começa a melhorar, aparece alguém que não gosta de livros e estraga tudo.

- Amigos - retomou Curioso -, ouvindo vocês, percebo que não sou o único livro passando por um momento difícil. Não sou o único que corre o risco de nunca mais ser lido por uma criança. Vocês estão na mesma situação que eu. Imaginem quantos colegas nossos podem estar assim, em casas onde moram pessoas que não gostam de livros... Quantos podem estar sendo queimados por aí para fazer fogo de churrasco?

Precisamos pensar em algo para sair daqui e contar às crianças que só elas podem salvar os livros. Em minhas páginas existe a história do Herói da Natureza. É por causa dessas histórias que acredito nas crianças.

- Conte um pouco dessa história para nós, Curioso - disse a Agenda.

- Conta, conta! - pediram os outros livros.

- Certo. Posso contar, sim. Mas quero pedir que, enquanto eu conto, vocês pensem em uma maneira de salvarmos os livros e de sermos heróis junto com as crianças. Precisamos planejar uma fuga da estante. Vocês topam?

- Sim! Sim! Sim! Sim!

- Ótimo! O Herói da Natureza era um menino que adorava as plantas, os pássaros, os rios, as nuvens e os bichos... Ele estava muito preocupado com o que vinha acontecendo com o planeta Terra. Ouviu e leu que, depois da Revolução Industrial, que começou na Inglaterra, os homens passaram a destruir o meio ambiente sem nenhuma responsabilidade.

- Desculpe interrompê-lo, Curioso - disse a Agenda -, mas em minhas páginas existe o Dia do Meio Ambiente: é no dia 5 de junho. Achei legal falar isso agora, pois estou adorando ouvir esta história. Desculpe-me!

- Puxa, que legal, Agenda! Obrigado por contar o Dia do Meio Ambiente para todos! Continuando...

- O menino se chamava Diogo. Ele percebeu que o problema estava ficando cada vez mais difícil de ser resolvido se ninguém fizesse alguma coisa. Pensou, pensou, pensou..., mas o que fazer? Como dizer a todas as pessoas do mundo que precisavam parar de poluir, parar de jogar lixo nas ruas, nas calçadas, nos terrenos baldios e nos rios?

Saiu atrás de respostas. Procurou a professora, a diretora, a catequista e perguntou aos pais. Todos diziam a mesma coisa:

- Diogo, sua iniciativa é muito bonita e inteligente, mas isso é papel dos políticos. É por isso que escolhemos políticos para nos representar no governo: para resolver esses problemas que a ganância de alguns homens desatentos e hipócritas não quer enxergar.

Diogo entendeu o que os adultos disseram, mas percebeu que isso não estava resolvendo nada. Ficou ainda mais desanimado. Pensou, pensou, pensou... leu livros, leu livros, leu livros... e nada.

Então resolveu agir. Começou a sair pela cidade recolhendo lixo jogado fora da lixeira e fechando torneiras abertas sem necessidade. Fez isso um dia depois da aula, outro dia depois da aula, outro dia depois da aula...

Percebeu que estava ficando cansado e que precisava ir cada vez mais longe. Isso não era seguro, pois ele era uma criança. Não podia sair sozinho por aí ensinando os adultos a cuidar da natureza.

Deste modo, pensou, pensou, pensou... e teve uma ideia: fazer um livro!

Assim, muitas pessoas poderiam ler ao mesmo tempo. Ele poderia ensinar as crianças a cuidar da água, dos rios, das plantas, dos pássaros, das nuvens...

E assim ele escreveu um livro que foi lido por todas as crianças do mundo. Só os políticos não leram. Gostaram?

– Puxa, Curioso, que ideia boa! Disse a Agenda.

– Mas se uma criança que mora com adultos que não gostam de livros pegasse, na biblioteca da escola, o livro do Diogo e não devolvesse mais? Isso seria trágico! Perguntou Matemático.

– Esse é um risco que se tem a correr na vida quando se faz escolhas, amigo! Respondeu O Mundo de Sofia. Mas uma vida sem essa magia do desafio talvez não tivesse graça nenhuma. As crianças adoram viver porque estão sempre tentando criar coisas novas, viver de modo diferente a cada dia, vendo um mundo novo a cada vez que acordam. E penso que era isso que Diogo queria que as pessoas acreditassem:

que é possível fazer um mundo melhor, sem poluir e sem destruir a natureza, todos os dias.

– Com certeza! Diz Curioso.

– Pessoal! Pessoal! Pessoal! Está vindo alguém! Disse Curioso.

Uma pessoa entra na sala, senta-se no sofá e começa a ler um jornal. Fica folheando as páginas e, de vez em quando, grita para outra pessoa:

– Ouve isso: “aquecimento global ameaça destruir as geleiras em menos de um século”. Isso: “falta de água está sendo causada porque o homem não sabe cuidar da natureza”. Ouve esta: “cachorros são abandonados pelos seus donos nas grandes cidades”. “Museu é abandonado pelas autoridades públicas”. “Biblioteca pega fogo por descuido e descaso do poder público”. Pode isso? Depois querem educar as crianças, como? Se não cuidam nem dos livros?

O adulto coloca o jornal na lixeira e sai.

– Vocês ouviram, pessoal? Perguntou Curioso. Não dá vontade de chorar? Saber que tudo isso está acontecendo e nós aqui, esquecidos por alguém que não gosta de livros. Quando poderíamos estar ajudando as crianças a pensar num mundo melhor?

– Tive uma ideia.

– Fala, Agenda!

– O jornal traz em suas páginas notícias do dia a dia. Certo? E traz várias notícias, vocês viram. E se nós conseguíssemos colocar no jornal que “livros estão sendo esquecidos em casa por pais e alunos desatentos”? Se os pais dos alunos atentos lerem a notícia, com certeza virão nos salvar.

– É verdade! Disse Mundo de Sofia. Vamos pensar como fazer isso.

– Ótimo, pessoal. Já vi que todos estão muito a fim de fazer algo pelos livros, por nós mesmos! Mas já está tarde e o dia de hoje foi cansativo. Foi um prazer conhecer vocês, Agenda, Matemático, Mundo de Sofia e todos os outros que estão nesta estante, mas com quem

não conversei. Amanhã falaremos sobre nosso plano, certo? Boa noite a todos! Disse Curioso e dormiu.

– Boa noite!

– Boa noite!

– Boa noite!

– Boa noite!

Dormiram mais uma noite esquecidos na estante de uma casa de algum aluno desatento que não devolve os livros para a biblioteca da escola. E alguns pais irresponsáveis que não se dão conta disso. Não gostam de livros! (?)

– Pessoal! Pessoal! Bom dia! Está vindo alguém. Acordem! Acordem! Disse O Curioso.

Eram sete horas da manhã. Entra na sala uma menina uniformizada, com uma mochila pendurada nas costas. Olha para os livros que estão na estante e diz:

– Livrinhos queridos, não se preocupem. Meu irmão é um bobão mesmo, não sabe o valor que tem a leitura, não sabe como é bom ser amigo(a) dos livros... Eu sei que vocês devem estar sofrendo muito aí, parados, sem nenhuma criança estar lendo vocês e levando vocês para dar uma volta no jardim, na cidade, nas casas de outros alunos..., mas vocês podem acreditar: eu vou dar um jeito de tirar vocês daqui, eu prometo! Minhas amigas gostam muito de leitura, eu também, e elas estão notando que há vários livros que saem da biblioteca e não são devolvidos. São alunos desatentos, iguais ao meu irmão, que pegam, não leem e não devolvem os livros. Mas isso tem que acabar.

Como vocês contam várias histórias legais e importantes para as crianças e para os adultos também, eu gostaria, neste momento, de estar lendo nas páginas de um livro que estou escrevendo a história dos livros. Como surgiu o livro? Posso? Obrigada! Deixa-me abrir aqui o nosso amigo... hã, hã... aqui!

Eu estou começando a contar a história dos livros, portanto não fiquem tristes se eu falar algumas bobagens, pois o que quero é fazer uma homenagem para vocês! Certo? Então vamos às histórias do surgimento dos livros. Foi assim: os livros surgiram assim... é! Quer dizer, eu acho que foi assim!

Bem antigamente, mas bem antigamente mesmo, as pessoas queriam ensinar para suas crianças as coisas importantes da vida. Como cuidar da natureza; como ser legal com o papai e com a mamãe; como cuidar dos animais; como respeitar os avôs e as avós; como cuidar dos livros e tantas outras coisas... Essas coisas que as crianças têm que aprender para que o mundo seja cada vez melhor.

Livrinhos! Vou contar um segredo para vocês: muitos adultos não aprenderam essas coisas quando eram crianças. Que chato, não é?

Continuando: como os adultos não ficavam muito em casa com as crianças, e as casas não eram iguais às de hoje, certo? Eram tipo cavernas! E os adultos não podiam saber tudo, de todas as coisas, pois já era muito difícil falar para as crianças sobre poucas coisas; imaginem sobre muitas coisas? Eles começaram a notar que não dava para ensinar tudo para as crianças só conversando. Precisavam de uma ajudinha.

Daí, um deles, provavelmente uma mãe - pois eram as mães que cuidavam das crianças -, então acho que foram elas que notaram ou sentiram a necessidade de ter um "amigo", um "companheiro", que pudesse ajudá-las a ensinar seus filhos. Já entenderam? Isso mesmo! Uma mãe deve ter inventado esse grande amigo do conhecimento, das crianças e das mães: o livro! Vocês!

Viram que linda a história de como vocês nasceram? Eu amo vocês! Mas agora eu preciso ir para a escola. Quando eu voltar, prometo que, se eu encontrar uma outra história sobre a origem de vocês, eu conto para todos, certo? Beijinhos, livrinhos lindos!

– Poxa vida! Que menina legal, eu quero ser igual a ela! Disse a Agenda, entusiasmada.

– Ela nos ama mesmo! Veio aqui nos contar a história dos livros! Tudo bem que eu acho que ela inventou essa história, até porque já morei em uma estante onde um velho amigo livro tinha, em suas páginas, a verdadeira história do surgimento dos livros. Ou seja, a invenção da imprensa.

– É verdade, Matemático! Disse Curioso. Também gostei muito dela.

– Mas, pessoal - começou a falar o Mundo de Sofia -, não esqueçam que temos que bolar um plano para o jornal. Ontem, se lembram, nós combinamos de hoje estar pensando em uma maneira de estarmos sendo notícia de jornal para salvarmos todos os livros dos não leitores desatentos. Você não acha, Curioso?

– Sim, sim. Eu estava aqui pensando. Depois de tudo que a menina contou e do jeito que ela disse que vai nos ajudar, talvez tenhamos que mudar nossa estratégia.

– Como assim? Quis saber a Agenda.

– Não sei bem ainda, Agenda, mas temos que repensar nosso plano. Primeiro, temos que dar um tempo para ver se a menina irá voltar ou se ela vai nos esquecer.

– E se ela não voltar mais, será que não perderemos tempo? Pergunta o Mundo de Sofia.

– Tive uma ideia! Posso falar?

– Sim, Agenda, fale! Todos concordam?

– E se vocês tentassem chamar a atenção de quem entrar na sala?

– Como assim, Agenda? Queria saber Matemático.

– Vocês escolhem uma página de vocês que poderia chamar a atenção de um ser humano adulto ou criança. Daí, vocês pulariam com essa página aberta; assim, a pessoa iria ler a página quando fosse juntar vocês para colocar na estante novamente. Se for o que cada um tem de melhor, poderia chamar a atenção dessa pessoa e tirá-los daqui.

– Deixa ver se eu entendi - diz Curioso. - Por exemplo, eu pulo com a página 23 aberta, que é a história da Menina Cantora. Daí, a pessoa que vai me ajuntar do chão poderá ler o título da história e começar a ler a história toda, ficando assim com vontade de ler mais?

– Exatamente! Diz Agenda. E depois ela vai querer que mais pessoas leiam você para conhecer suas histórias.

– Que legal, acho que vai dar certo. Será que não está vindo ninguém? Já estou com vontade de pular. Eu vou pular com a página 56 aberta. Ela começa assim: “Os Números e a Nossa Vida”. É muito legal descobrir como os números estão em toda parte e em todos os momentos da vida das pessoas. Estão no número de identidade, na carteira de trabalho, na carteira da biblioteca, na matrícula, no dinheiro, no tamanho do caderno, no tamanho do lápis, da caneta, da borracha, do sapato, do tênis, da roupa, nas horas e em tantas outras coisas...

– Poxa, que legal, Matemático. Eu não tenho esses assuntos em minhas páginas. Mas uma Agenda arretada tem várias páginas com curiosidades, com poesias, com pinturas, fotos. No meu caso, tenho tudo: pintura, fotos, poesias e música. Ah! Tem mais. Vocês sabiam que eu sou de 1969? E minha dona anotou coisas muito curiosas que aconteceram naquele ano em minhas páginas? Por exemplo, a ida do homem à Lua!

Mas eu vou pular com a página 12 aberta. Esta página tem a letra de uma música que gosto muito. A música fala do caderno, que eu acho que mais se aproxima de uma agenda do que de um livro. Pois, no caderno, o aluno escreve as matérias que tem nos livros, mas também coloca recadinhos, faz desenhos. Por isso, gosto muito desta página. Mas também adoro vocês, livros!

– Que linda, Agenda! Diz Curioso. Você poderia cantar a música do caderno para nós ouvirmos?

– Vocês querem mesmo?

– Canta! Canta! Canta! Canta! Canta!

– Está bem! Eu canto! É assim: o nome da música é O Caderno, mas hoje vamos chamar de A Agenda. Hahahahahahaha! É assim:



O CADERNO¹

*Sou eu que vou seguir você
Do primeiro rabisco até o bê-a-bá
Em todos os desenhos
Coloridos vou estar
A casa, a montanha, duas nuvens no céu
E um sol a sorrir no papel*

*Sou eu que vou ser seu colega
Seus problemas ajudar a resolver
Sofrer também nas provas bimestrais*

¹ A canção “O Caderno” foi composta por Toquinho e Mutinho, um dos mais importantes músicos da música popular brasileira, conhecido por sua sensibilidade poética e por sua forte relação com a infância, a educação e o universo afetivo. A música integra o repertório de obras voltadas ao público infantil que marcaram gerações e se tornaram presença constante em escolas e projetos pedagógicos. Em O Caderno, Toquinho transforma o caderno escolar em personagem central da narrativa. O objeto ganha voz para contar sua própria história: páginas em branco, erros, acertos, rabiscos, tentativas e descobertas. A canção valoriza o processo de aprendizagem como algo vivo, imperfeito e contínuo, mostrando que aprender é experimentar, errar, recomeçar e criar. A letra simples e delicada dialoga diretamente com o cotidiano das crianças, ao mesmo tempo em que transmite uma mensagem profunda sobre o valor do conhecimento, da escrita e da imaginação. O caderno deixa de ser apenas um material escolar e passa a simbolizar a trajetória de crescimento humano, intelectual e emocional.

*Junto a você
Serei sempre seu confidente fiel
Se seu pranto molhar meu papel*

*Sou eu que vou ser seu amigo
Vou lhe dar abrigo
Se você quiser
Quando surgirem seus primeiros raios de mulher
A vida se abrirá num feroz carrossel
E você vai rasgar meu papel*

*O que está escrito em mim
Comigo ficará guardado
Se lhe dá prazer
A vida segue sempre em frente
O que se há de fazer*

*Só peço a você um favor
Se puder
Não me esqueça num canto qualquer*

– Poxa, que linda, Agenda! Que linda! Diz Curioso.

– Obrigada! Obrigada! Não sabia que você gostava tanto de música.

– Eu adoro música. Por isso vou pular com a página da história da Menina Cantora, pois acredito que todas as pessoas gostam de música.

Fico muito triste porque as crianças no Brasil não são incentivadas a tocar um instrumento musical, tipo flauta, sax, trompete, clarinete, trombone, violão, bateria, guitarra, violino, cavaquinho e tantos outros. Certa vez, ouvi um aluno contar para o seu colega que sua mãe estava reclamando porque ele estava aprendendo a tocar sax alto e seu irmão a tocar bateria. A mãe mandava “parar com esse barulho”. Pode uma coisa dessas? Que triste! Não gostar de música.

– Estou curiosa para saber a história da Menina Cantora. Você poderia contá-la para nós?

– Vocês querem ouvir, amigos?

– Conta! Conta! Conta! Conta!

– Ótimo! Vou contar. É assim: a Menina Cantora era muito animada, gostava de ouvir os pássaros cantando e achava que as flores cantavam umas para as outras. Enquanto umas cantavam, outras dançavam. Aí ela teve a seguinte ideia: não iria mais falar, só cantar, como se fosse um musical.

Ela chegou à casa da escola, e sua mãe disse:

– Lilica, como foi sua aula hoje? Você leu muito? Você sabe que a leitura é muito importante.

A menina respondeu cantando:

– Mamãe, mamãe, você não vai acreditar /

toda leitura que fiz, não deu pra decorar /

Mamãe, mamãe, você pode até não gostar /

mas os livros que eu quis ainda estão para chegar /

O livro que a menina cantora queria ler, algum aluno pegou na biblioteca e não devolveu. Vocês conhecem essa história de não devolver livros? Parece que sim! Mas, enfim, este é só um pouquinho da história da Menina Cantora. Você gostou, Mundo de Sofia? Estou achando você triste. Perguntou Curioso.

– Não, amigo, não. Não estou triste e adorei sua história. É que estou pensando que página devo abrir quando pular. Pois minhas histórias não são tão simples. É um curso de filosofia, lembram? E é difícil saber quando um ser humano está a fim de filosofar racionalmente. (?) Não entenderam? Deixa pra lá!

– Mas você sabe que as crianças adoram fazer perguntas. Tem uma fase da vida delas que só dizem: por quê? Por quê? Mas por quê? Por quê? Por quê? Por quê? Mas por quê? Por quê? Comenta Curioso.

– Sim, eu sei. É! Acho que vou cair com a página 33 aberta. É quando Sofia recebe seu primeiro bilhete com uma pergunta filosófica: “Quem sou eu?”, diz o bilhete. Talvez a pessoa que ver esta página poderá querer ler o resto do livro.

– Com certeza, Mundo de Sofia. Eu mesmo já estou com essa pergunta martelando minha cabeça: “Quem sou eu?”. Diz Matemático.

– Pessoal! Pessoal! Pessoal! Está vindo alguém. Diz Matemático, eufórico. Vou pular! Vou pular! Fuiiiiiiiiiiiiiiii! Eeeeeeeeeeeeeeeee!

– Vou pular! Vou pular! Fuiiiiiiiiiiiiiiii! Eeeeeeeeeeeeeeeee! E pula Mundo de Sofia.

– Também vou! Fuiiiiiiiiiiiiiiii! Eeeeeeeeeeeeeeeee! E se joga Curioso.

– Esperem por mim, rapazes! Grita Agenda e pula. Aaaaaaaaaaaaaa! Uhuuuuuuuuuuuuu!

Após os livros e a Agenda terem pulado com as páginas abertas, como haviam pensado que seria uma ótima ideia para incentivar os desatentos a lerem e fazer essas pessoas entenderem que a leitura é muito importante para nossas vidas, uma senhora entra na sala. Vê todos aqueles livros e a Agenda no chão, aproxima-se deles, pega a Agenda com a página que trazia a música O Caderno para cima.

A senhora olha, olha, parece estar lendo, quando, de repente, fecha a Agenda, coloca-a na estante e pega o Matemático do chão. Sem olhar para suas páginas que falam dos números em nossas vidas, coloca-o na estante e se abaixa mais uma vez para pegar o Mundo

de Sofia. Também não lê o que está escrito em suas páginas abertas e já o coloca em seu lugar.

Por último, pega o Curioso, falando em um tom de irritação, grita para a empregada com o livro na mão:

– Judite! Judite! Que bagunça é essa aqui com esses livros? Vou colocar essas porcarias no porão. Não servem para nada, só ficam aqui para pegar poeira. Me traz uma caixa...

A empregada responde:

– Dona Sueli, não tem caixa. Deixa aí que depois eu dou um fim nisso.

– Como não tem caixa? Retruca dona Sueli. Deixa que eu pego, sua incompetente. Diz a senhora para a empregada, já saindo da sala em direção à despensa.

Em seguida, dona Sueli volta até a sala, pega o Curioso que está no sofá, coloca-o na estante novamente e sai dizendo:

– Se até semana que vem você não der um jeito nessas porcarias, eu te demito, incompetente.

– Pessoal! Pessoal! Fiquem calmos, estou aqui! Não fui parar no porão. Diz Curioso. Que sufoco, hein!

– Estou tremendo. A ideia foi minha e quase acabei com nossa chance de voltar a ser lido por outras crianças. Não era minha intenção. Desculpem-me! Lamenta Agenda.

– Agenda, por favor! Você não é culpada de nada. Você só queria ajudar. Realmente, quase fomos parar no porão; aí sim, nunca mais seríamos encontrados por nenhuma criança. Nem por nossa amiga, aquela que disse que vai nos ajudar e contou a história dos livros. Falou Mundo de Sofia.

– Pessoal, estou com muito medo! Disse a Agenda.

O incidente com dona Sueli aconteceu mais ou menos às 17 horas. Após o susto, todos ficaram em silêncio por mais de três horas. Todos

estavam muito assustados. Talvez pensando que poderiam estar em um porão escuro e abandonados para sempre. Ou quem sabe estavam pensando em outra ideia para sair daquela casa de pessoas que não gostam de ler e nem gostam de livros?

Já passava das 20 horas quando Curioso disse:

– Pessoal! Pessoal! Estão todos bem? Todos aí?

– Sim, amigo, sim. Creio que estamos todos bem. Disse a Agenda. Estou um pouco assustada com o que aconteceu. Fiquei pensando na nossa ingenuidade. Como não pensamos que poderia entrar uma dessas pessoas paranoicas, que não gostam de coisas fora do lugar; que não gostam que criança corra, grite, pule, mexa em alguma coisa... Essas pessoas doentes, sabe? Como fomos ingênuos! Realmente, nosso risco foi enorme. Agora é que estou me dando conta disso.

– É verdade o que você está dizendo, Agenda. Conclui Matemático. Eu já estive em uma biblioteca, antes de parar aqui, em que a bibliotecária era uma dessas pessoas. Ela não gostava que os alunos mexessem nos livros para não desorganizar, para não estragar... Vê se tem cabimento? Ela também não gostava que os alunos conversassem na biblioteca, porque biblioteca era lugar de silêncio! A biblioteca parecia um hospital. Nunca vi lugar onde tenha crianças ser lugar de silêncio! Alguém já viu? Nem hospital infantil.

– É, vocês têm razão. Diz Mundo de Sofia. Essas pessoas que não conseguem ser um pouco ousadas como as crianças podem ser um perigo para os livros. Pois até os livros as irritam. Eu hein, corremos sérios riscos mesmo. Agora que minha ficha está caindo.

– Bom, pessoal! Sussurrou Curioso. O susto já passou, não aconteceu nada com ninguém e nem vai acontecer. Vamos confiar na nossa amiga leitora e vamos esperar até amanhã para ver se ela aparece. Daí, então, teremos outra ideia e outra oportunidade de nos salvar. Estou com sono e cansado; afinal, o dia hoje foi um perigo! Ahahahahaha. Até amanhã, amigos! Boa noite e lembrem-se: o Brasil pode não ser mais o mesmo se seu povo – crianças e adultos – descobrir a importância

da leitura. É isso mesmo! Se nosso povo descobrir a importância da leitura, seremos um país muito mais feliz, belo, cuidadoso com as crianças, os idosos, a natureza; enfim, nossa responsabilidade é grande. Beijos! Durma bem, Agenda!

– Hummm! Aí, Agenda! Brincou Matemático.

– Boa noite, Matemático! Seu chato! Respondeu Agenda, fingindo que estava braba com o Matemático. Boa noite, Mundo de Sofia! Boa noite, Curioso! Durma bem você também!

– Boa noite, pessoal! Disse Mundo de Sofia.

– Boa noite! Boa noite e até amanhã!

Um dia após o problema com a senhora Sueli, Agenda foi a primeira a acordar. Talvez estivesse tendo um pesadelo, pois chamava seus colegas livros muito estranhamente:

– Não fui eu! Não fui eu! Não tive culpa! Não levem o Matemático, ele é meu amigo! Não! Não! Não!...

– Agenda! Agenda! Aaaaaaaageeeeeeeendaaaaaaa! Se desespera, Matemático.

– ãh! Ah! O que foi? Você está bem, Matemático? Te soltaram?

– Alô... ô! Planeta Terra falando! Eu é que te pergunto. Você está bem?

– Ah! Sim, sim! Foi apenas um pesadelo. Nossa, sonhei que tinham levado você para um porão. Foi horrível. Como é ruim ter pesadelos. Bom dia, amigo!

– Bom dia, Agenda! Agora você voltou ao normal. Disse Matemático.

– Que bom! Bom dia, Mundo de Sofia! Bom dia, Curioso!

– Bom dia! Ouvi você e o Matemático conversando sobre o seu pesadelo. Que ruim, hein?

– Nem me fale! Você também ouviu, Mundo de Sô?

– Sim, eu ouvi. Acho que você ficou se sentindo culpada por ontem e, com isso, sonhou. Relaxa, amiga, ninguém é culpado por umas pessoas não gostarem de livros. Mas e aí, o que faremos hoje? Alguém tem alguma ideia?

– Ontem, nesse horário, a menina da história dos livros já estava aqui. Hoje ela ainda não veio. Observa Mundo de Sofia. Será que ela não vem hoje?

– Também já pensei nisso, amigo. Diz Curioso. Mas não vamos perder as esperanças. Ela poderá vir mais tarde.

– Pessoal! Pessoal! Pessoal! Ela está vindo! Sussurra a Agenda.

A menina leitora inteligente entra na sala. Vai direto até a estante onde estão os livros, a Agenda, e diz:

“Olá, meus queridos! Estavam com saudades de mim? Sentiram a minha falta? Amigos! Demorei um pouco porque estava preparando algumas coisas para o que vai acontecer nesta casa hoje. E é isso que vim contar para vocês. Hoje é meu aniversário, e minha mãe convidou minhas amigas e meus amigos da escola para fazerem uma festa para mim. A festa será aqui em casa e, o melhor, será aqui na sala. Bem perto de vocês. Virão todos os alunos da minha turma da escola, será hoje à tarde, e vocês estão convidados, certo?”

A menina faz um carinho em todos eles na estante e sai correndo da sala.

– Ela voltou! Ela voltou! Alegrou-se Mundo de Sofia. Será que ela vai nos ajudar? Perguntou!

– Com certeza vai! Diz Matemático. Ela sabe que aqui, onde estamos esquecidos, parados, sem nenhum aluno estar nos lendo, estamos muito tristes. Ela vai conseguir tirar todos nós daqui.

– Pessoal! Penso que realmente ela poderá, sim, nos ajudar, mas se nós fizermos a nossa parte. Pensem comigo: ela vai trazer toda a sua turma da escola para fazer uma festa aqui, bem perto de todos nós. Com certeza virão alunos desatentos, mas também virão muitos

alunos atentos, que gostam de ler e sabem que lugar de livros é na biblioteca, onde várias crianças podem estar lendo-os. Comenta Agenda.

– Pessoal, como vai ter uma festa aqui, é nossa chance de colocar o plano da Agenda em prática mais uma vez. Diz Curioso.

– Mas será que não será arriscado? Pergunta Agenda, toda assustada.

– Não, não! Eu concordo com Curioso. Se nós pularmos perto das crianças na festa, elas não nos deixarão aqui. Diz Matemático.

– Não sei! Não sei! E se não der certo? E se elas nem ligarem para nós? A dona Sueli vai mandar queimar os livros. Comenta Mundo de Sofia.

– É, pessoal, sei que é arriscado, mas meu nome é Curioso, estou com muita vontade de sair daqui. Já pensaram em ir para a casa de vários alunos diferentes? Tem alunos que levam os livros para viajar com a família... Tem alunos que levam os livros para ler com outros amigos... É muito gratificante. Pensem nisso! Liberdade! Liberdade! Liberdade! Gritou!

– Certo, você já nos convenceu. E será o mesmo plano? Quis saber Mundo de Sofia.

– Aí é que está. Não! Não será igual da outra vez. Temos que adaptar o plano para uma festa.

– Você tem alguma ideia para adaptá-lo, Agenda?

– Não, não! Ainda estou traumatizada.

– E você, Matemático?

– Estou pensando! Estou pensando!

– E você, Mundo de Sô?

– Na verdade, todos nós temos um plano em mente, só estamos com medo de falar e, de repente, dar errado. E pior: ter que ficar com

uma sensação de culpa. Não é isso que você está sentindo, Agenda? Observou Mundo de Sofia.

– É mais ou menos isso! E você, Curioso, no que pensou?

– A verdade é que concordo com tudo o que vocês falaram e estão falando. Não tenho um plano em mente e acredito que devemos fazer o mesmo plano, sem pular, é óbvio, quando a primeira pessoa entrar. Vamos ser mais cautelosos e saber a hora exata de pular. Quem sabe pulamos direto no colo das crianças. Seria a nossa total sorte, mas como?

– Se as crianças vierem brincar perto da estante, nós pulamos. Disse Matemático.

– Exatamente! Respondeu Agenda. Mas, por favor, tenham cuidado. Temos que ter certeza de que são crianças que gostam de livros.

– Como saber? Queria saber Curioso.

– Vamos descobrir já. Olhem, está vindo alguém. Falou Matemático. Deve ser o primeiro convidado. Está vindo para cá!

A criança chega e vai direto correndo para a sala. Olha tudo o que vê ao seu redor. Senta, levanta, senta, levanta. Até que vê os livros na estante e começa a gritar:

– Mamãe! Mamãe! Livrinhos! Livrinhos!

– Não pulem! Não pulem! Não pulem! Diz a Agenda. Ele pode estar mentindo. Vamos esperar.

Dona Sueli grita da cozinha:

– Não mexe aí, amor, estes livros são velhos e estão cheios de poeira. Não encosta a sua mão neles, não.

– Viu só? Se alguém tivesse pulado, estaria no porão. Comentou Mundo de Sofia.

– É verdade, não podemos arriscar. Mas está tudo bem. Sem pânico, o plano continua, certo? Tentou encorajar a todos Matemático.

– Sim, estamos confiantes. Respondeu por todos Curioso. Olhem, estão chegando mais crianças. Sem desespero. Nada de pular. Apenas vamos observar.

As crianças foram chegando e se aglomerando na sala, bem perto dos livros. Algumas olhavam de vez em quando para a estante, como se quisessem dizer alguma coisa sobre os livros que ali estavam. Outras nem notavam que havia livros na estante. Os alunos foram chegando, chegando, chegando... Cada vez mais a sala ia enchendo de crianças. A dona da festa estava muito alegre, muito sorridente, afinal estava de aniversário! Quem não gosta?

– Pessoal! Sem afobação, não podemos errar. Disse Matemático.

– É, você tem razão. Concordou Agenda. Vamos ficar calmos e, no momento exato, nós pulamos.

A festa corria normalmente. Os convidados cantaram os parabéns para a aniversariante, comeram muitos salgadinhos e docinhos. As crianças correram, correram, correram... e não cansaram. Mas chegou um momento da festa que todas as crianças pareciam cansadas. Elas foram chegando perto da estante onde estavam os livros e sentando em círculo no chão, criando um momento de esperança nos livros.

– Pessoal! Pessoal! Vocês estão vendo o que eu estou vendo? Perguntou Agenda.

– Sim, sim! Eu estou vendo. Disse, empolgado, Mundo de Sofia. Vou pular! Vou pular!

– Calma! Calma! Não pule! Não pule! Falou Curioso. Vamos pular todos juntos. Afinal, há várias crianças sentadas ali. Mas esperem mais um pouco, pois ainda estão chegando crianças e temos que ter certeza de que não vão sair.

– Certo! Disse Matemático. Mas pode ser agora? Não aguento mais esperar.

– Também não aguento mais. Disse Curioso. Todos preparados? Escolheram uma página bem interessante para estar aberta no colo das crianças?

– Sim! Sim! Sim!

– Então vamos nessa! Devemos pular todos juntos, certo? Vou contar até três e todos pulam. UM, DOIS, TRÊS!

– Uhuuuuuuuuuuuuuuu! Pulou Agenda.

– Madeiraaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaa! Pulou Matemático.

– Fuiiiiiiiiiiiiiiiiiiiiiii! Pulou Mundo de Sofia.

– Liberdaaaaaaaaaadeeeeeeeeeeeeeeeeeee! Pulou Curioso.

Os livros foram se jogando no colo das crianças sem medo de ser feliz. Um por um, eles caíam como pétalas de rosas entre as crianças. As crianças, muito felizes, gritavam:

– Está chovendo livros! Está chovendo livros!

– Eu peguei um que tem a história da Menina Cantora! Qual é o seu?

– O meu é o que tem um bilhete para Sofia. Querem ouvir o que diz o bilhete? “Quem sou eu?”.

– O meu é uma linda agenda. Nesta página tem uma música, ela se chama O Caderno.

– O meu é um livro de Matemática. Eu adoro matemática. Olha que legal esta página: Os números e nossa vida. Que legal, livros!!

Enquanto as crianças olhavam maravilhadas seus livros, dona Sueli corre até elas e diz:

– Crianças, não mexam nesses livros velhos. Eles estão cheios de poeira. Me deem eles aqui, que vou levar para o porão.

– Não, dona Sueli! Não! Nós gostamos de livros. Você poderia dá-los para nós? Nós cuidaremos deles muito bem. Você os dá para nós? Perguntou Camilo.

– É! Você os deixa com a gente e vamos lê-los e depois emprestar para todas as crianças da escola lerem também. Disse Marta.

– Não, não! Crianças, esses livros estão tão feios, empoeirados... ninguém vai querer lê-los mais. Disse dona Sueli, já tirando os livros das mãos das crianças.

– Frederico, leve as crianças para o jardim com o palhaço enquanto vou tirar essas coisas velhas daqui.

Dona Sueli não pensou duas vezes. Colocou os livros em uma caixa de papelão e disse para a empregada:

– Amanhã você me dá um fim nisso aqui. Não quero mais passar por essa vergonha de ver livros velhos caindo em cima dos meus convidados nas festas. Por favor!

No dia seguinte, a empregada sai com os livros dentro de uma caixa em direção a um aterro de lixo próximo dali. A caixa estava um pouco pesada e a empregada tinha dificuldades para carregar. A caixa também balançava muito (talvez os livros estivessem pulando para que a empregada os deixasse cair; assim alguém poderia ver que eram livros e pedir emprestado).

É exatamente o que acontece. Quando a empregada estava passando bem perto de um sebo, a caixa balançou tanto que os livros vieram ao chão. Nessa hora, o dono da loja, que se encontrava na porta do estabelecimento, disse:

– Moça! Moça! Aonde você vai com esses livros?

– Vou...! Vou...! ã...! Vou jogar no lixo. Disse a empregada sem saber o que dizer. Estava com vergonha, pois sabia que livros são importantes na vida de qualquer pessoa.

– Jogar no lixo? Eu compro! Disse o homem da loja.

– Você compra? Perguntou a moça.

– Sim, eu compro. Quanto tem aí? Perguntou o comprador.

– Tem um bocado, e se você quiser tem mais lá na casa. É que minha patroa acha que livro velho...

A moça entra na loja e vende os livros para o sebo da cidade de Pesquisópolis.

Dois meses se passaram até que uma coisa muito feliz aconteceu. A professora de História da turma do Camilo - a mesma turma que estava no aniversário na casa de dona Sueli, quando os livros foram "jogados" no lixo - pede para os alunos pesquisarem sobre vários assuntos: a ida do homem à Lua; o que é Filosofia; jogos matemáticos; poluição do planeta e tantos outros assuntos.

Os alunos pesquisam nas bibliotecas da cidade e no sebo. Camilo, que gosta muito de livros e cujos pais também adoram, pede dinheiro para sua mãe, pois quer comprar alguns livros no sebo que possam ajudá-lo, e à sua turma, nas pesquisas que a professora pediu.

A mãe do menino lhe dá o dinheiro. Ele passa na casa de Marta e a convida para ir até o sebo pesquisar alguns livros. Marta adora a ideia, e os dois vão juntos para mais uma pesquisa.

Chegando ao sebo, pedem a seu Antônio - dono do sebo - permissão para pesquisarem sobre os assuntos do trabalho. Seu Antônio, muito gentil, diz:

– Fiquem à vontade, crianças. Livro não faz mal a ninguém. É para o trabalho da professora de História?

– Sim! Diz Marta. Por quê?

– Hum! É que já vieram algumas crianças aqui hoje e levaram alguns livros de matemática, filosofia, levaram até uma agenda. Mas podem procurar mais, sempre tem.

As crianças ficaram empolgadíssimas, folheando e lendo os livros. Elas não se importaram muito com o fato de outras crianças já terem levado livros, pois a professora disse que, no dia da apresentação dos trabalhos, todos deveriam levar os livros, revistas e todo o material que usaram na pesquisa para a sala de aula.

E a pesquisa continuou em Pesquisópolis. Parece até que as crianças não cansam de ler, de procurar, de buscar as respostas nos livros...

Enfim, chegou o dia da apresentação dos trabalhos. Alguns alunos chegaram bem cedo à escola, pois queriam deixar tudo pronto para sua apresentação. Uma boa apresentação ajuda os colegas a entender melhor o assunto e rende uma boa nota. Chegaram Camilo, Marta, Lúcia, Paulo, Jorge, Tati, Pedro... Todos iam chegando e colocando seu material de pesquisa em cima da mesa.

De repente, sem que ninguém notasse:

– Psiu! Psiu! Matemático! É você? Sou a Agenda!

– Como é que é? Agenda! Aaageeendaaa! Não acredito! Que maravilha! Olha só como você está bem! Você sabia que tem um aluno pesquisando em mim? Isso é muito legal!

– Eu também, filho! Estou sendo pesquisada! Disse Agenda. Mas espera aí! E os outros?

– Pois é! Será que não estão por aqui? Disse Matemático.

– Vamos olhar, Matemático! Convidou a amiga Agenda.

– Você encontrou alguém? Disse Agenda.

– Não, ainda não. Respondeu o amigo.

– Psiu! Ei! Aqui no fundo!

– Conheço essa voz. Disse Matemático.

– Eu também! Disse Agenda. Curioso, é você?

– SIM, SIM! Amigos, estou aqui! Gritou Curioso para seus velhos amigos. Que felicidade reencontrar vocês. Estão todos bem!

– Mas, Curioso! Onde está o Sô? Perguntou Matemático, preocupado.

– Fica frio, amiguinho! Ele também está aqui, e muito bem.

– Onde? Onde? Queria saber Agenda, eufórica.

– Ali, na mão daquele aluno que está dando uma última olhada na matéria para a apresentação dos trabalhos. Disse Curioso.

Os amigos livros se reencontraram e ficaram felizes contando suas histórias, com a certeza de que nunca mais voltariam para a casa de alunos e adultos desatentos para serem esquecidos nas estantes. Queriam, sim, ficar no meio de alunos estudiosos e pesquisadores, para poder contribuir na formação e no melhoramento do convívio entre as pessoas.

Curioso contou para seus colegas que a ideia que Camilo havia tido no dia da festa na casa de dona Sueli agora iria virar realidade, pois sua mãe deixou que, juntamente com seus colegas, ele formasse a biblioteca itinerante, para que muitas e muitas crianças pudessem ler os livros que ele e seus colegas conseguiram para a biblioteca.

E todos foram felizes! Para sempre LENDO! Nunca mais precisaram fugir da estante!

– O que achou, Heitor?

– Meu Deus, que show. Pensei muito sobre tudo que os livros falaram. Meu Deus, são muitas histórias. Que show.

– Exatamente. Também gostei das histórias da vida dos livros.

– Fico pensando quando será que o pai criou ou ouviu essas histórias. Livros que conversam...

– Jovem, não sufoque o artista. Tem coisas que não precisamos saber. Curta, aproveite, pense, seja feliz.

– Certo. E sobre o futuro? Afinal, temos que pensar no futuro que queremos.

– Veremos. E olha que tinha uma agenda, personagem, na fuga da estante.

– Sim. Muito bom. Vamos à agenda da ONU.



AGENDA 2030

Quem os governos devem salvar primeiro? Crianças? (Parece que não é a vontade da maioria). Natureza? Os adultos? Os pobres? Os ricos? Todos?! Assim sendo, tem-se a impressão de que vai ano e vem ano, e aqui estamos nós, a humanidade, caminhando loucamente para o abismo, para um final idiotizado. Nesse sentido, cabe a pergunta: o que fazer?

Primeiramente, é importante assumir que a grandiosidade e a gravidade do problema exigem planejamento, foco, coragem, desapego, limites, contratos sociais, econômicos, políticos, enfim, todas as formas de acordos. Entretanto, o mais importante é que sejam cumpridos. Por aqui, indaga-se: o Brasil necessita adequar as metas globais da Agenda 2030 para o Desenvolvimento Sustentável? Sim!

E, para isso, deve-se considerar que, enquanto os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS) representam o eixo central da Agenda 2030, orientando as ações nas três dimensões do desenvolvimento sustentável - econômica, social e ambiental -, as metas, desse modo, indicam os caminhos a serem trilhados e as medidas a serem adotadas para promover o seu alcance. Logo, na escala global, os ODS e as metas são acompanhados e revisados a partir de um conjunto de indicadores desenvolvidos pelo Grupo Interagencial de Peritos sobre os Indicadores dos ODS. Destarte, as metas e os indicadores globais são fundamentais para assegurar a coordenação, a comparabilidade e o monitoramento dos progressos dos países em relação ao alcance dos ODS, por parte da Organização das Nações Unidas (ONU). Tal acompanhamento permite a essa instituição identificar os países e as áreas temáticas que necessitam

de maior assistência dos organismos internacionais e de maior cooperação para o desenvolvimento (Ipea, 2018).

Portanto, não basta ficar tagarelando em nome da liberdade do mercado, da liberdade de opinião, da liberdade disso ou daquilo. Deve-se, primeiramente, inteirar-se do momento pelo qual o mundo está passando: guerras, disputas de territórios, movimentos geopolíticos, genocídios, perda da empatia, enfim, sair do senso comum (combate ao comunismo - em 2024 -, que burrice!) e contribuir para a solução dos problemas reais, locais, globais e atuais. Meus filhos estão crescendo e dou início, agora, à apresentação para eles dos 17 ODS. Em suma, continuaremos em busca do conhecimento e de um mundo melhor para todos.

– Mano, este tema me parece papo reto. Bem mais sério.

– Sim, Heitor. Mas, na verdade, todos os assuntos são sérios; o que muda é a forma de colocá-los. Logo, fiquei com a impressão de que vamos ver coisas que já estamos discutindo na escola. Veja: o pai disse que estamos crescendo e ele vai nos apresentar os 17 ODS.

A Agenda 2030 da Organização das Nações Unidas (ONU) é um plano de ação global criado com o objetivo de promover um desenvolvimento mais justo, sustentável e inclusivo em todo o mundo. Lançada em 2015, a Agenda reúne 193 países que assumiram o compromisso de enfrentar desafios urgentes, como a pobreza, a desigualdade social, a degradação ambiental e as mudanças climáticas, até o ano de 2030.

O centro da Agenda 2030 são os 17 Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS), que abrangem áreas essenciais para a vida humana e para o equilíbrio do planeta. Esses objetivos incluem a erradicação da pobreza e da fome, o acesso à saúde e à educação de qualidade, a igualdade de gênero, o trabalho decente, a redução das desigualdades, a proteção do meio ambiente e a promoção da paz e da justiça. Os ODS são interligados, pois o progresso em um depende do avanço dos outros.

Um dos principais princípios da Agenda 2030 é o compromisso de “não deixar ninguém para trás”. Isso significa reconhecer as desigualdades existentes entre países e dentro deles, buscando políticas públicas e ações que garantam oportunidades para todos, especialmente para os grupos mais vulneráveis. A Agenda também enfatiza a importância da cooperação internacional, envolvendo governos, setor privado, sociedade civil e cidadãos.

Além de orientar políticas públicas, a Agenda 2030 incentiva mudanças de comportamento e responsabilidade coletiva. Questões como consumo consciente, preservação dos recursos naturais e participação social são fundamentais para alcançar os objetivos propostos. Dessa forma, a Agenda não é apenas um documento político, mas um chamado à ação para toda a humanidade.

Em síntese, a Agenda 2030 da ONU representa uma visão de futuro baseada na solidariedade, na justiça social e no respeito ao meio ambiente. Seu sucesso depende do engajamento global e da consciência de que o desenvolvimento sustentável é essencial para garantir qualidade de vida às gerações presentes e futuras.

– Pois é. Saquei.

– Partiu.

– Ouve isto: a Agenda 2030 para o Desenvolvimento Sustentável é um plano de ação global adotado pelas Nações Unidas em 2015, que estabelece 17 objetivos e 169 metas para o desenvolvimento sustentável em todo o mundo. A Agenda 2030 tem como objetivo erradicar a pobreza, proteger o planeta e garantir a prosperidade para todos, Artur.

– Show. Continue lendo.

– Os 17 objetivos da Agenda 2030 incluem a erradicação da pobreza, a fome zero, a saúde e o bem-estar, a educação de qualidade, a igualdade de gênero, o trabalho decente e o crescimento econômico, a redução das desigualdades, a ação climática, a vida na água e na

terra, a paz, a justiça e a parceria para o desenvolvimento. Artur, na boa, é legal saber, mas, na minha idade, “viajo” um pouco.

– Então, já questionei o pai sobre a nossa idade e o contato com esses assuntos mais complexos. Ele disse que mal não fará. Devemos já ir nos familiarizando, sem sofrer, com coisa séria.

– Ok. Continuando. A Agenda 2030 é um plano ambicioso que requer a colaboração de todos os países e partes interessadas para ser implementado com sucesso. Ela reconhece que a erradicação da pobreza, em todas as suas formas e dimensões, é o maior desafio global e um requisito indispensável para o desenvolvimento sustentável, Artur.

– Heitor, ouvindo você ler, fico com a impressão de que estamos prestes a participar de algo gigante para a sociedade, para a humanidade, para o futuro. Estou ficando interessadíssimo.

– Sim, sim. Eu também. Tem mais, Artur: os governos, as empresas e a sociedade civil têm um papel fundamental na implementação da Agenda 2030. É necessário que todos trabalhem juntos para garantir que os objetivos e metas sejam alcançados até 2030.

– 2030? Este foi o ano em que eu disse para o pai que ele deveria estar organizado na vida. Você lembra?

– Claro que lembro. Ele está passando por um momento bem difícil em sua vida. Na real, Artur, não sei bem o que aconteceu. O que sabemos é que ele andou um pouco triste, mas nunca nos abandonou, nem deixou de ser nosso pai, não é?

– Sim, Heitor. Bem isso. Quando está conosco, ele tenta ficar sempre feliz, não é? Preocupado com nosso futuro.

– Na real, Artur, perto de nós ele fica felizão. Mas sempre lembra um pouco de sua infância, de outros momentos difíceis.

– Volta, volta, continue o que você estava lendo.

– Certo. Em resumo, a Agenda 2030 para o Desenvolvimento Sustentável nos deixa claro que o buraco é bem mais fundo do que

se possa imaginar. Nesse sentido, a implementação da Agenda 2030 requer a colaboração de todos os países e partes interessadas e é fundamental para garantir um futuro sustentável para as próximas gerações. Gostou, mano?

– Próximas gerações... interessante isso. Quem será que cuidou da geração do pai? Acho que é por isso, Heitor, que ele fala sobre a sua infância. Bem que só às vezes, não é? E bem pouco.

– Sim, Artur. O que sabemos é que ele era um pouco pobre; a família dele passava por vários problemas financeiros. Não sei se o pai passou fome, acho que não. O braço dele é torto.

– ...

– Artur, Artur. Está pensando em quê? Está procurando o quê?

– ...

– ARTUR!

– Achei! Ouça, Heitor, um texto que nos ajudará a pensar no futuro, no passado e no presente.



O MENINO RUIVO

Contaram-me que foi difícil o parto. A criança não estava numa posição “boa” para sair e, por isso, “tiveram” que quebrar-lhe o bracinho direito, para diminuir as dores da mãe. Logo, se era recomendação médica, assim se fez. Era dia 13 de novembro; nasceu “apanhando”, levando uma chave de braço. Ficou com o braço torto, mais curto, mas está vivo.

Primeiramente, é importante que se diga que a criança nem cresceu tanto assim: deve ter um metro e sessenta e cinco centímetros de altura. Todavia, a vontade de viver mede-se pela régua da imensidão: incalculável, intensa, inspiradora, carismática, criativa, trabalhadora, estudiosa e humana. Assim que começaram a crescer os cabelos, imediatamente viu-se que não eram pretos nem loiros, mas ruivos! Sim, com o rosto cheio de pintinhas, um “cabelo de fogo” e uma vontade louca de viver, o menino era ativo - ou, quem sabe, hiperativo.

Em seguida, não muito longe da infância, aprende a tocar alguns instrumentos na Banda Municipal Unidos de Imaruí, experiência que lhe garantiria o primeiro emprego, ainda jovem, bem jovem. Era tão dedicado e capaz que, da banda municipal, foi construir uma banda marcial numa escola particular da cidade grande. Outrossim, foi ali, na grande cidade - que nem é tão grande assim -, que trabalhou muito e imediatamente percebeu que trabalhar é necessário, mas também sacou que o importante era estudar.

Trabalhando e estudando, começou Psicologia - não terminou -, começou História e concluiu. Fez mestrado em Educação e concluiu.

Fez doutorado e concluiu: é doutor. Nesse sentido, tem-se a percepção de que já comemorou vários aniversários e conheceu várias pessoas. Aliás, conhecer pessoas é uma experiência desafiadora, porque elas vêm e se vão num movimento alucinado e alucinante.

Aprendeu que um dos grandes erros de tradução dos ditos da humanidade é o tal: “o homem é um animal racional”. Não, não é! Aprendeu que a frase correta pode ser: “o homem é um animal relacional”. Faz mais sentido. Aliás, entre mortos e feridos, procura ser uma pessoa que se relaciona com o mundo, com a arte, com a vida, com a esperança.

Entre erros e acertos, o menino ruivo, com o braço torto e mais curto, acertou e acerta mais do que errou ou erra na vida. E a vida é assim mesmo: tem dia que dá, e tem dia que não dá. Hoje, o menino de braço quebrado não tem mais os cabelos ruivos nem as pintinhas no rosto; mas continua entusiasmado, ao extremo, na aventura humana de viver.

Enfim, o menino ruivo hoje é pai de dois lindos meninos: Artur e Heitor. Ambos não são ruivos, mas são criativos, altruístas, humanistas, simpáticos, educados e estudiosos. O menino ruivo não tem um milhão de amigos como o Roberto Carlos, mas tem alguns que valem por milhares. A vida do menino ruivo se resume a estudar muito, trabalhar, escrever livros para seus filhos, amar e ser amado por pessoas que merecem conhecê-lo naquilo que ele tem de melhor: a essência de um Menino Ruivo:

“É que hoje é meu aniversário. E, quando chega meu aniversário, eu me sinto bem maior, bem maior, bem maior, bem maior do que eu era antes.” (Palavra Cantada)¹

¹ Palavra Cantada é um consagrado projeto musical brasileiro voltado ao público infantil, criado em 1994 pelo casal Sandra Peres e Paulo Tatit, músicos, compositores e produtores culturais. Unidos pela música e pela educação, Sandra e Paulo desenvolveram uma proposta artística que respeita a inteligência das crianças, valorizando a sensibilidade, a criatividade, o afeto e o pensamento crítico. Sandra Peres, cantora e compositora, e Paulo Tatit, músico, compositor e integrante do grupo Rumo, uniram suas experiências artísticas para criar canções que dialogam com

– O que achaste deste texto, Heitor?

– Mano, eu não conhecia esses detalhes da vida do pai, não. E acho que ele escreveu esse texto aí no aniversário dele.

– Nem me fala. Despertou-me várias emoções.

– Emoções e curiosidades, não é? O pai era ruivo? Nunca vi uma foto dele pequenininho. Será que tinha o rosto cheio de pintinhas? E o que a vida dele tem de relação com a Agenda 2030? Por que será que ele nos enviou esses textos juntos?

– Humm! Bom questionamento. Teremos que descobrir.

– Artur, olha só. Percebi, neste texto, que o pai fala bastante sobre luta. Tá ligado (?) que a vida dele, quando criança, parece que foi um pouco difícil, uma luta?

A luta das pessoas pobres para garantir direitos básicos como estudar, comer e trabalhar é uma realidade histórica e cotidiana em muitas sociedades, especialmente em países marcados por profundas desigualdades sociais. Essa luta não se resume apenas à falta de recursos financeiros, mas envolve obstáculos estruturais, políticos e culturais que limitam oportunidades e reproduzem ciclos de exclusão. Para milhões de pessoas, sobreviver já é um desafio diário, e sonhar com uma vida digna exige esforço constante, resistência e esperança.

O acesso à alimentação é uma das primeiras e mais urgentes batalhas enfrentadas pelas populações pobres. A fome não é apenas a ausência de comida, mas também a falta de uma alimentação o universo infantil sem simplificações excessivas ou infantilização do conteúdo. O projeto se destaca pela qualidade musical, letras inteligentes e temas que abordam o cotidiano das crianças, as emoções, a imaginação, a convivência, o tempo, o crescimento e a descoberta do mundo. Ao longo de sua trajetória, a Palavra Cantada lançou diversos álbuns, DVDs, livros e espetáculos, tornando-se referência na música infantil brasileira e presença constante em escolas, projetos pedagógicos e eventos culturais. Suas canções são amplamente utilizadas por educadores por estimularem o desenvolvimento cognitivo, emocional e social das crianças. Mais do que entretenimento, a Palavra Cantada é um projeto educativo e cultural que defende uma infância respeitada, curiosa e sensível, contribuindo para a formação de gerações mais criativas, críticas e humanas.

adequada e nutritiva. Muitas famílias vivem em situação de insegurança alimentar, dependendo de trabalhos informais, doações ou programas sociais para se manterem. Crianças que crescem passando fome sofrem impactos diretos no desenvolvimento físico e cognitivo, o que compromete seu desempenho escolar e suas possibilidades futuras. Assim, a luta para comer é também uma luta pela sobrevivência e pela dignidade humana.

A educação, que deveria ser um direito garantido a todos, transforma-se em um privilégio quando as condições sociais são desiguais. Pessoas pobres enfrentam escolas precárias, falta de materiais didáticos, transporte inadequado e, muitas vezes, a necessidade de abandonar os estudos para ajudar no sustento da família. Jovens que precisam trabalhar desde cedo veem seus sonhos interrompidos, pois o tempo e a energia que poderiam ser dedicados ao aprendizado são consumidos pela necessidade de sobreviver. Mesmo assim, muitos persistem, estudando à noite, enfrentando o cansaço e acreditando que a educação pode ser um caminho para mudar suas vidas.

O trabalho, por sua vez, ocupa um lugar central nessa luta. Para as pessoas pobres, trabalhar não significa apenas realização pessoal, mas a garantia mínima de sobrevivência. No entanto, grande parte delas está inserida em empregos informais, mal remunerados e sem direitos trabalhistas. Jornadas longas, condições insalubres e instabilidade fazem parte do cotidiano. Apesar disso, o trabalho é visto como uma forma de resistência e dignidade, pois representa a tentativa de construir uma vida melhor, mesmo diante das adversidades impostas pelo sistema econômico.

A desigualdade social aprofunda ainda mais essas dificuldades. Enquanto alguns têm acesso facilitado à educação de qualidade, saúde, lazer e oportunidades profissionais, outros precisam lutar diariamente por aquilo que deveria ser básico. Essa desigualdade não é fruto apenas do esforço individual, mas de estruturas sociais que historicamente marginalizam grupos inteiros. A pobreza acaba

sendo transmitida de geração em geração, criando um ciclo difícil de romper sem políticas públicas eficazes e comprometimento social.

Apesar de todos esses desafios, a história das pessoas pobres também é marcada pela resistência, pela solidariedade e pela esperança. Comunidades se organizam, famílias se apoiam e movimentos sociais lutam por direitos e justiça. A busca por estudo, comida e trabalho não é apenas uma necessidade individual, mas uma luta coletiva por reconhecimento e igualdade. Cada conquista, por menor que pareça, representa um passo importante rumo a uma sociedade mais justa.

Refletir sobre essa realidade é fundamental para compreender que a pobreza não é resultado da falta de esforço, mas da falta de oportunidades. Garantir condições dignas de vida, acesso à educação, alimentação adequada e trabalho justo não deve ser visto como caridade, mas como responsabilidade social e dever do Estado. Somente quando essas lutas deixarem de ser individuais e passarem a ser enfrentadas de forma coletiva será possível construir um futuro em que todos tenham, de fato, o direito de viver com dignidade.

– Parece que não foi difícil, foi luta mesmo! Você não lembra, Heitor, da casa em que o pai morava em Imaruí?

– Lembro. Aquela casinha de madeira, de cor verde, não é? Lembro, sim. No entanto, Artur, a gente só foi lá quando éramos muito pequenos. Isso quer dizer que minhas lembranças são poucas.

– Sim, exatamente. E você se lembra de que o pai nos contou que vendia pastel no portão da escola?

– Sim. Não gosto de lembrar dessa história, porque o pai disse que não gostava desse trabalho e que alguns alunos roubavam pastéis do cesto usado para transportá-los.

– É verdade. Acho, Heitor, que ele nos contou essas histórias para nos incentivar a estudar e nunca precisar passar por tantas dificuldades financeiras na vida.

– É, mas você percebeu que no texto ele também fala de trabalhar bem jovem?

– Sim, sim. Ele já nos contou um pouco dessa fase da vida em que era músico, maestro e tal. Naquele tempo, ele teve que sair da casa dos pais e começar a trabalhar como um adulto. Assumiu responsabilidades e ajudava a pagar as contas da casa do vovô e da vovó.

– Artur, veja isso: a Agenda 2030, contendo os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS), começou a ser construída a partir da preparação da CNUDS (Rio+20) e das avaliações sobre o cumprimento dos ODMs, à medida que se aproximava o fim do seu período.

– Sim, mas por quê?

– É elementar, meu caro. Andei pesquisando e já descobri que muitas coisas aconteceram no ano em que ele nasceu.

– Jura?

– Veja: Programa Homem e Biosfera da UNESCO (1970); Conferência das Nações Unidas sobre Meio Ambiente Humano – Estocolmo (1972); Programa Internacional de Educação Ambiental – PIEA (1975). Adivinha quem nasceu nesse ano?

– Não! Que show!

– Artur, outra coisa: no texto do menino ruivo, o pai falou da essência de um menino ruivo. O que ele quis dizer com isso?

– Heitor, sinceramente, não sei. Creio que é o jeito dele. Você já notou que o pai está sempre - ao menos quando está conosco - feliz, sorridente, disposto a aprender e a ajudar? Acho que essência é isso, amigo.

– Pois é, pois é. O pai é bem assim. Ele é divertido, não é?

– Muito!

– Ok! Mas não podemos esquecer que precisamos ter clareza sobre o que é desenvolvimento sustentável. Aqueles ODS. Precisamos entender bem essa discussão, que é mundial, mano.

O planeta Terra vive hoje um momento crítico, marcado por riscos ambientais cada vez mais evidentes e preocupantes. A poluição, o desmatamento, as mudanças climáticas e outras formas de agressão ao meio ambiente colocam em perigo não apenas os ecossistemas naturais, mas também a própria sobrevivência da humanidade. Essas ações revelam uma relação desequilibrada entre o ser humano e a natureza, baseada no consumo excessivo e na exploração irresponsável dos recursos naturais.

A poluição do ar, da água e do solo é uma das ameaças mais visíveis. Em grandes cidades, a emissão de gases poluentes compromete a qualidade do ar e afeta diretamente a saúde das pessoas, causando doenças respiratórias e cardiovasculares. Nos rios e oceanos, o despejo de resíduos industriais, esgoto e plásticos provoca a morte de inúmeras espécies e contamina cadeias alimentares inteiras. O solo, por sua vez, sofre com o uso indiscriminado de agrotóxicos e o descarte inadequado de lixo, perdendo sua fertilidade e capacidade de sustentar a vida.

Outro risco ambiental grave é o desmatamento, que destrói florestas fundamentais para o equilíbrio climático e a biodiversidade. As florestas regulam o clima, protegem os solos e abrigam milhares de espécies. Quando são devastadas para dar lugar à agricultura intensiva, à mineração ou à expansão urbana, ocorre a perda de habitats, o aumento das emissões de gases de efeito estufa e a intensificação de eventos climáticos extremos, como secas e enchentes.

As mudanças climáticas representam talvez o maior desafio ambiental da atualidade. O aquecimento global, causado principalmente pela queima de combustíveis fósseis, altera padrões climáticos em todo o planeta. Ondas de calor mais intensas, elevação do nível do mar e desastres naturais mais frequentes afetam especialmente as populações mais vulneráveis, ampliando

desigualdades sociais e econômicas. Isso mostra que a crise ambiental não é apenas ecológica, mas também humana e social.

Diante desse cenário, torna-se urgente repensar o modelo de desenvolvimento adotado pela sociedade. Proteger o meio ambiente exige ações coletivas, políticas públicas eficazes e mudanças nos hábitos individuais, como o consumo consciente, a redução de resíduos e o uso de fontes de energia renováveis. A preservação do planeta não é uma escolha, mas uma necessidade para garantir a vida das gerações presentes e futuras.

Refletir sobre os riscos ambientais que a Terra enfrenta é reconhecer que o planeta dá sinais claros de esgotamento. Cuidar da natureza significa cuidar de nós mesmos, pois não há separação entre a humanidade e o ambiente em que vive. Somente por meio do respeito, da responsabilidade e da consciência ambiental será possível evitar danos irreversíveis e construir um futuro mais equilibrado e sustentável.

– Sim. Então, termine este primeiro livro da série dos ODS deixando claro o que é desenvolvimento sustentável.

– Com prazer: “Desenvolvimento é definido como modificação da biosfera e a aplicação de recursos humanos, financeiros, vivos e não vivos para satisfazer as necessidades humanas e melhorar a qualidade de vida humana.”

– Ficou complexo. Entendi, mas está complicado. Simplifica.

– Com prazer: “Ou seja, essa estratégia visa manter a capacidade do planeta para sustentar o desenvolvimento que, por sua vez, deve levar em consideração a capacidade dos ecossistemas e as necessidades das futuras gerações.”

– Agora melhorou, mano. Devemos ter consciência de que os recursos do planeta não são só para os humanos e, o mais importante, devemos usá-los garantindo que os próximos seres a habitar o planeta tenham as mesmas chances de uma vida plena que nós estamos tendo.

– Se tudo der certo, é bem isso. Este é o futuro que queremos!

- Quero ler o livro sobre o ODS 1.
- É o próximo da série.
- Partiu! Vazei da caverna!

REFERÊNCIAS

A BANDA. Disponível em: <https://www.letras.mus.br/chico-buarque/45099/a-banda>. Acesso em: 12/12/2025.

ANIVERSÁRIO – Palavra Cantada. Disponível em: <https://www.letras.mus.br/palavra-cantada/283404/>. Acesso em: 25/09/2025.

BARBIERI, José Carlos. **Desenvolvimento sustentável: das origens à Agenda 2030**. Petrópolis: Vozes, 2020. (Coleção Educação Ambiental).

INSTITUTO DE PESQUISA ECONÔMICA APLICADA (IPEA). **Agenda 2030: ODS – Metas Nacionais dos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável**. Brasília: Ipea, 2018.

MARCONDES, Danilo. **Iniciação à História da Filosofia: dos Pré-Socráticos a Wittgenstein**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor Ltda, 2007 *apud* JEAN-NIÈRE, Abel. *Platão*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1995.

FUTURO

(Agenda 2030...)

- 🌐 www.atenaeditora.com.br
- ✉ contato@atenaeditora.com.br
- 📷 @atenaeditora
- 📘 www.facebook.com/atenaeditora.com.br



FUTURO

(Agenda 2030...)

- 🌐 www.atenaeditora.com.br
- ✉ contato@atenaeditora.com.br
- 📷 @atenaeditora
- 📘 www.facebook.com/atenaeditora.com.br

